



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



## Artur Azevedo

### *A Princesa dos Cajueiros*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# *A Princesa dos Cajueiros*

## Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1880.

Livro Digital nº 521 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo**

**(1855 - 1908)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# ***A PRINCESA DOS CAJUEIROS***

## **ÓPERA CÔMICA EM UM PRÓLOGO E DOIS ATOS**



*Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro. Teatro Fênix Dramática em 6 de março de 1880.*

### **PERSONAGENS DO PRÓLOGO:**

EL-REI CAJU

DOUTOR ESCORREGA (médico do paço)

NHECO (mestre de cerimônias)

MARCOS (pescador)

VIRGÍNIA (uma mulher do povo)

UM PAJEM

UMA ENFERMEIRA

Conselheiros, ministros, fidalgos, cortesãos, damas do paço e amas de leite.

### **PERSONAGENS DOS DOIS ATOS:**

PRINCESA DOS CAJUEIROS

PAULO (pescador)

DUQUESA DA GUARDA-VELHA

PETRONILHA E TERESA (mulheres do povo)

EL-REI CAJU

BARÃO DO BOM SUCESSO (médico do paço)

NHECO (mestre de cerimônias)

MARCOS (pescador)

O ADVOGADO DA DEFESA

O ADVOGADO DA ACUSAÇÃO

PRIMEIRO MINISTRO

SEGUNDO MINISTRO

TERCEIRO MINISTRO

QUARTO MINISTRO

UM LACAIO

Professores, gondoleiros, fidalgos, damas, lacaios, etc.

*A cena passa-se na Ilha (imaginária) dos Cajueiros, os dois últimos atos vinte anos depois do prólogo.*

## **PRÓLOGO**

*Sala de gosto antigo e esquisito. Duas portas à direita e duas à esquerda. No fundo, um arco em toda a largura da sala. Depois do arco, uma grade, aberta no centro, para dar passagem para um bosque por uma escada que não se vê. À esquerda, um sofá.*

## **CENA I**

*Cortesãos, depois o Doutor Escorrega, depois um pajem, depois El-Rei Caju e sua comitiva.*

## **INTRODUÇÃO**

### **CORO DE CORTESÃOS**

Contentes, contentes  
nós vamos ficar!

Ferventes, ferventes,  
Sabemos amar

A bela rainha

Que o céu

Nos deu,

E que, coitadinha

‘Stá pra dar a luz

Um filho que há de ser um príncipe de truz!

O DOUTOR (*aparecendo à porta dos aposentos da rainha, à meia voz*)

Senhores, não façam tamanho barulho,

Que nada de novo por ora não há...

CORTESÃOS (*à meia voz*)

Pois bem, não façamos tamanho barulho.

Que nada de novo por ora não há...

O DOUTOR

Senhores, estamos a quinze de julho;  
Há já nove meses que... trá lá rá lá!

CORO

Trá lá rá lá!  
Trá lá rá lá!  
Há já nove meses que... trá lá rá lá!

O DOUTOR (*descendo à cena*)

### COPLAS

I

Eis o Doutor Escorrega,  
Do paço médico mor,  
Que os doentes se encarrega  
De mandar para melhor.  
Eis o Doutor Escorrega!

CORO

Eis o Doutor Escorrega  
No bem da humanidade os dias seus emprega!

II

O DOUTOR

Há quatro meses somente  
Da Academia sai:  
Já matei radicalmente  
Cinco ou seis tipos daqui!  
Eis o Doutor Escorrega! etc., etc.

(*Declamando*) Viram o médico do paço? Vejam agora o passo do  
médico! (*Dança um burlesco sapateado durante o seguinte Coro:*)

CORO

Ah! Ah! Ah!  
Quem mais burlesco,  
Quem mais grotesco  
Será? Será?  
Passo indecente!  
De rir à gente  
Vontade dá!  
Ah! Ah! Ah!

*(Findo o Coro, entra o pajem a correr)*

PAJEM  
Limpem fatos  
E sapatos,  
Que aí vem El-Rei!

*(Cada um dos cortesãos tira uma escova do bolso: limpam-se uns aos outros)*

CORTESÃOS  
Zás! Trás! Zás!  
Trás! Zás! Trás!  
Fatos limpos e sapatos!  
Que aí vem El-Rei!

PAJEM  
Vim prevenir-vos depressa,  
Mal que o avistei!

CORTESÃOS *(a escovarem-se)*  
Pressa! pressa! pressa! pressa!  
Que aí vem El-Rei!

*(Aparece ao fundo numerosa e luzida comitiva, que precede El-Rei que vem acompanhado de coiteiros, trazendo petrechos de caça)*

MARCHA e CORO GERAL



Praça! Praça!  
Praça! porque aqui está  
El-Rei que vem da caça!  
Toca trombeta: trá lá rá!

EL-REI (*à boca de cena*)

## COPLAS

I  
Eu sou o rei mais pândego.  
Um rei sou de mão cheia!  
Pareço um rei de mágica,  
Por ser original  
Por isso os meus bons súditos  
Não fazem cara feia...  
Pra rei de ópera-cômica  
Não estou de todo mal!  
Tur lu tu tu,  
Tur lu tu tu  
Ora aqui está El-Rei Caju!

II  
No meu país esplêndido  
É tudo monarquista!  
Ninguém fala em república  
Ninguém diz mal de mim!  
Se acaso algum sacrílego  
Quiser meter-me a crista,  
Irá para o patíbulo,  
Pois... eu cá sou assim!  
Tur lu tu tu,  
Etc., etc.

CORO  
Tur lu tu tu,  
Etc. etc.

EL-REI (*aos cortesãos, que desde a sua entrada têm-se inclinado bastante*)  
Levantar cabeças! (*Perfilam-se*) Doutor, dou-te a honra de dizer que venho da caça.

O DOUTOR

A caça é o rei dos prazeres e o prazer dos reis!

EL-REI

Foi uma caçada real!

O DOUTOR

O que matou?

EL-REI

Um veado.

O DOUTOR

Teve medo?

EL-REI

Não. Estou satisfeitíssimo com os meus coiteiros! (*À comitiva*) Na próxima fornada, hei de fazer-vos barões, marqueses, conselheiros, Coronéis da Guarda Nacional, etc. Sois ótimos caçadores! (*Inclinam-se*) Levantar cabeças! (*Perfilam-se*) Que novas me dás do estado de Sua Majestade, a Rainha, ó Doutor?

O DOUTOR

O estado de vossa real esposa é o mais satisfatório possível. Há todas as probabilidades de um parto feliz. Conto que dentro de meia hora terá vindo à luz do dia o dono ou dona desta prenda! (*Pega na Coroa do rei*)

EL-REI (*zangado*)

O dono ou dona? (*Naturalmente*) Dá cá a Coroa, Doutor... (*De mau humor, deitando a Coroa*) Pois não tens certeza de que a criança é do sexo feminino? Há nove meses te ordenei que empregasses toda a

tua ciência, a fim de que não seja varão, e sim varoa, a primícia do meu feliz matrimônio!

O DOUTOR

Supus que fosse gracejo...

EL-REI

Gracejo! Pois eu gracejo com os meus vassalos!

O DOUTOR

Relevai vos diga que a ciência, por isso mesmo que é a ciência, submete-se aos fenômenos comuns da natureza.

EL-REI

Fala claro.

O DOUTOR

Se o filho não tiver de ser uma filha, nem Vossa Majestade, nem eu, nem a ciência em peso...

EL-REI

Então para que se inventaram as invenções? Para que diabo cursaste dez largos anos a Universidade, donde saíste há quatro meses somente?...

O DOUTOR (*cantando sem música*)

Há quatro meses somente da Academia sai...

TODOS (*idem*)

Já matou radicalmente

Cinco ou seis tipos daqui !

EL-REI

Silêncio! (*Inclinam-se*) Levantar cabeças! - Pois não podes arranjar uma droga que tenha o desejado efeito?

O DOUTOR

Vossa Majestade pede...

EL-REI

Não peço: mando!

O DOUTOR

Manda um impossível!

EL-REI

Quero, mando e posso!

O DOUTOR

Mas...

EL-REI

Mando, posso e quero!

O DOUTOR

Desta vez, Vossa Majestade pode querer, pode mandar, mas não pode poder!

EL-REI

Olha que sou teu rei!

O DOUTOR

E eu o mais respeitoso dos vossos súditos!

EL-REI

Obrigado.

O DOUTOR

Não há de quê... O nascimento, real senhor, é questão de mero acaso; nós nascemos homem, porque não nascemos mulheres...

EL-REI

Boa dúvida! - Não sei onde estou...

O DOUTOR

Estais em vossa casa...

EL-REI

Não sei onde estou, que não te esmurro...

O DOUTOR

Isso é mais fácil!

EL-REI

Senhores, atenção! Vou deitar decreto! Decreto verbal! (*Inclinam-se todos. El-Rei sobre ao sofá*) Sua Majestade El-Rei Caju há por bem decretar ao médico de seu paço real, Doutor Escorrega, que, empregando os meios postos ao seu alcance por dez anos de Universidade, faça com que sua Majestade, a rainha, dê à luz uma criança do belo sexo. Se suceder que a criança pertença ao sexo barbado, morra por ele o referido Escorrega (*Movimento do Doutor*) que assim o tenha entendido. Assinado: Eu! (*Descendo*) Levantar cabeças!

O DOUTOR

Refleti, senhor...

EL-REI

Já refleti maduramente. - Ah! (*Trepando ao sofá e batendo palmas*) *Post-scriptum! Post-scriptum!* (*Silêncio. Inclinam-se*) Se for macho, enforque-se o Doutor; se for fêmea, faço-o barão de qualquer coisa!

O DOUTOR

Senhor!

EL-REI

Assim o tenhas entendido! E bico! Levantar cabeças!

O DOUTOR

Com que então, desejais que o fruto do vosso amor...

EL-REI

O fruto não: deve ser a fruta!

O DOUTOR

O fruto é proibido: vá Vossa Majestade descansado.

EL-REI

Bem. Assim é que gosto que me falem. Toca lá estes ossos. (*Apertando-lhe a mão*) Vê lá: um título ou cadafalso! (*Aos cortesãos*) Rua! rua! Fazeis muita algazarra, e convém que minha augusta esposa esteja em completo sossego. - Doutor, uma princesa, ou...

### REPETIÇÃO DO ESTRIBILHO

Tur lu tu tu

Tur lu tu tu

Verás quem é El-Rei Caju!

(*Aos cortesãos*) Marche! - Vou ver a rainha. (*Entra no quarto da rainha*)

CORO

Tur lu tu tu

Tur lu tu tu

Oh! que é ratão El-Rei Caju!

(*Os cortesãos saem pela esquerda alta. A comitiva do rei sai pelo fundo*)

## CENA II

O DOUTOR (*só*)

Bonito. Ou uma princesa ou... tur lu tu tu! Estou metido em boa! Não há o que ver! o meu soberano é soberanamente tolo! Tão tolo, que aí pela ilha, quando alguém faz uma tolice, diz-se: - É uma cajuada! Persuadir-se o enxovedo que é a coisa mais natural do mundo a realização do seu originalíssimo desejo! O que hei de fazer? Isto de morrer enforcado aos trinta anos não lembra ao diabo!

E o pior é que a rainha vai dar a luz a um menino! Se fosse menina, a mãe seria acometida de dores de dentes: não foi. Na Academia ensinaram-me que, quando uma senhora de esperanças, ao subir uma escada, deita sempre em primeiro lugar o pé direito, tem uma criança do sexo feminino... Ora, acontece que sua majestade deita sempre no primeiro degrau o pé esquerdo... Estou aqui, estou enforcado!

### CENA III

*O Doutor, Marcos.*

MARCOS (*a parecendo ao fundo*)

Doutor...

O DOUTOR

Hein?

MARCOS

Uma palavrinha...

O DOUTOR

Ah! és tu, Marcos? O que queres? Como pudeste penetrar aqui?

MARCOS

Pelo jardim... Quero...

O DOUTOR

Escolheste mau lugar e má ocasião.

MARCOS

Mas é tão urgente...

O DOUTOR

Fala.

MARCOS

O outro dia morreu o Belisário... Nós, os outros pescadores, por espírito de classe, fizemos-lhe o enterro e oferecemos uma quantia à viúva, à boa Teresa, que a despendeu inteiramente com a moléstia do filhinho.

O DOUTOR

Um filhinho? De que idade? De que sexo?

MARCOS

Um menino de três meses (*decepção do Doutor*) que acaba de lhe morrer nas mãos!

O DOUTOR (*mais despeitado*)

Ora! Mas, afinal, o que queres?

MARCOS

Encarreguei-me de pedir a algumas pessoas que concorressem para o enterro da pobre criança; e como o Doutor é das que conheço... e se acha no caso... não hesitei em introduzir-me no jardim e...

O DOUTOR

Fizeste bem. Toma, e deixa-me. (*Dá-lhe o dinheiro*)

MARCOS

Agradeço-lhe por mim e por aquela desgraçada! (*Vai saindo pelo fundo*)

O DOUTOR

Oh, que ideia! Marcos! (*Marcos volta*) És ainda homem em quem a gente se possa fiar?

MARCOS

Conhece-me de criança.

O DOUTOR

Trata-se talvez da felicidade desta mulher.



MARCOS

De Teresa? Ainda bem, pois bem que o merece, coitada!

O DOUTOR (*dando-lhe mais dinheiro*)

Com o que já lá tens, deve dar para o enterro. Leva-lhe esse dinheiro e volta. (*Conduzindo-o ao fundo e apontando para o bosque*) Logo que voltares, posta-te junto àquele cajueiro; em te eu chamando, vem cá. Não digas nada à mulher.

MARCOS

Está dito! Até logo. (*Sai pelo fundo*)

#### CENA IV

*O Doutor, só.*

O DOUTOR (*só*)

Trata-se agora de arranjar uma menina, e substituir por ela o príncipe, que será confiado à tal Teresa. É patifaria grossa, mas não o é mais fina mandar-me enforcar! Vamos arranjar uma princesa; não há tempo a perder. (*Vai a sair; entra o pajem pela esquerda*)

#### CENA V

*O Doutor, o Pajem.*

PAJEM

Diversas amas-de-leite esperam ordem para entrar.

O DOUTOR

Que contratempo!

PAJEM

Inscreveram-se todas para o concurso anunciado.

O DOUTOR

E sou que lhes devo examinar a qualidade do leite, e escolher o melhor! Isto leva um tempo! Podia ficar para depois que sua Alteza nascesse! Enfim, mande entrar: esperarão na antecâmara.

PAJEM

Tomo a liberdade de observar que cada uma das amas-de-leite traz uma criança... e isto pode perturbar...

O DOUTOR (*vivamente*)

Traz cada uma criança? Mande entrar tudo! Mande entrar tudo! (*A um sinal do pajem que sai, entra pela esquerda um Coro de amas-de-leite, cada uma com a sua criança nos braços*)

## CENA VI

*O Doutor, as amas-de-leite, depois Virgínia.*

CORO DAS AMAS

As amas-de-leite,  
De leite, de leite,  
Vêm-se apresentar  
A ver qual se aceite,  
Ou qual se rejeite  
Pra dar de mamar.

O DOUTOR

Deleite, deleite,  
É ouvi-las cantar!  
Quanta criança!  
Quanta esperança!  
Deixem-me ver se estes pequenos  
Gordos estão, pois, se não estão,  
Lógico é que não convém-nos  
As mães...

AS AMAS

Pois não! Pois não! Pois não!

O DOUTOR (*examinando as crianças uma por uma, à parte*)

Este é rapaz - que o leve a breca!

Este é rapaz! - Rapaz! - Rapaz!

Este também! Também! que seca!

Idem, idem, idem, idem!

'Stou danado, não duvidem!

De alguém morder sou capaz!

AS AMAS

'Stá danado, não duvidem:

De alguém morder, é bem capaz!

VIRGÍNIA (*entrando com uma criança nos braços*)

Licença para dois!

CORO

Ainda uma!

O DOUTOR

Quem sois?

VIRGÍNIA

Senhor, também desejo,

Sem mais tirte, nem mais guarte

Do concurso fazer parte

CORO

No concurso tomar parte.

O DOUTOR

Deve inscrever-se...

(*Reconhecendo Virgínia, que levanta o véu e encara-o*)

Oh! céus! que vejo!

Virgínia!

VIRGÍNIA (*fazendo mesura*)

Para o servir.

O DOUTOR

Grande escândalo antevejo

No que daqui vai sair...

*(Às amas, apontando-lhes a porta da esquerda baixa)*

Senhoras, entrai!

A decisão em pouco vai!

AS AMAS

As amas-de-leite,

De leite, de leite

Lá vão esperar,

A ver qual se ajeite,

Se ajeite, se ajeite

Pra dar de mamar.

*(Saem pela esquerda baixa)*

## CENA VII

*O Doutor, Virgínia.*

*(Virgínia, durante o Coro, tem acomodado no sofá, a criança que trazia)*

VIRGÍNIA

Finalmente!

O DOUTOR

Tua presença assusta-me! Será possível que, afrontando tudo, penetrasses no paço real, para dar-me de viva voz novas edições de teus queixumes?

VIRGÍNIA *(em tom dramático)*

Pérfido! Há três anos eras um pobre estudante, que não tinhas onde cair morto. Onde cair morto! Que digo eu? Onde cair vivo!

O DOUTOR

Filha, olha que tenha mais que fazer. Adeus!

VIRGÍNIA (*agarrando-o pelo fato*)

Espera! vais livrar o pai da forca?

O DOUTOR

Vou me livrar a mim mesmo, o que é mais sério!

VIRGÍNIA

Nesse caso, fica. - Meu país, honrado velho, vendo que tu nem casa tinhas para morar, e dormias ao relento como um cão sem dono, ofereceu-te uma alcova em nossa casa e um talher à nossa mesa. Aceitaste a generosa oferta. Daí por diante, as tuas olheiras, que as levaras fundas como as de um condenado, começaram a desfazer-se. As cores rosadas da infância voltaram-te às faces, cuja palidez cadavérica dissiparam. É que às horas que te sobravam de orgias torpes, sucederam as noites bem dormidas no côncavo tépido de um colchão honesto.

O DOUTOR (*à parte*)

Esta rapariga tem muita leitura; foi o que a perdeu.

VIRGÍNIA

Ao cabo de três meses, disseste-me uma dia...

O DOUTOR

Disse-te...

VIRGÍNIA

Disseste-me: - Amo-te. E o teu amor, mentido num olhar estudado, encontrou uma porta escancarada onde deverá encontrar um baluarte inacessível: amei-te. O resto, tremo de repeti-lo... Meu pai observou-nos e murmurou: - Aqui há coisa... Chamou-me de parte...

O DOUTOR

E disse-te...

VIRGÍNIA

E disse-me: - Filha, os teus requebros e medeixas pelo Escorrega que, ente parêntesis, é um farroupilha, podem passar despercebidos a outros olhos que não sejam os de teu pai. Lembra-te de que já não tens mãe, e és o único penhor de minha felicidade nesta vida. Esquece-te dele e casa com teu primo Bernardino, para quem te destinei de pequena.

O DOUTOR

Estás a perder tempo; sei disso tão bem como tu.

VIRGÍNIA

Eu quisera que uma voz misteriosa te repetisse a todo momento essa história de lágrimas. - Quando sai do quarto do meu pai...

O DOUTOR

Eu disse-te...

VIRGÍNIA

Disseste-me: - Espera-me no jardim. (*Com exagerado lirismo*) E foi lá, ao ciciar da brisa, ao brilho trêmulo da lua, que te repeti as palavras de meu pai...

O DOUTOR (*à parte*)

Estou aqui, estou enforcado...

VIRGÍNIA

Nesse instante, parece que o demônio te inspirou estas palavras: - Amo-te! Virgínia! Lutar contra a vontade de teu pai, será malhar em ferro frio! Fugamos! Arranjarei um emprego qualquer! Casar-nos-emos! Uma dia voltaremos à casa de teu e pedir-lhe-emos a sua benção!

O DOUTOR

Que noite aquela!

VIRGÍNIA

Fugimos!... Não conseguiste... não procuraste o emprego e eu achei quem me desse roupa para lavar e engomar. Era daí que eu tirava a subsistência de nós ambos. Todos os dias eu te falava no nosso casamento, e esta palavra - Veremos - vinha morrer aos meus ouvidos como uma condenação. Um dia, poucos meses antes da tua formatura, saíste de casa e não apareceste mais; mas, ó desgraçado! o que não sabes é que me deixavas no seio o fruto da tua paixão maldita!

O DOUTOR

O que ouço!... Essa criança... (*Corre para a criança*)

VIRGÍNIA (*interpondo-se*)

É tua filha!...

O DOUTOR

Minha filha!... (*Querendo tomar a criança*) A que sexo pertence? É menina? Deixa-a ver!

VIRGÍNIA (*interpondo-se ainda*)

Ouve o resto: há um mês que veio ao mundo essa pobre criança...

O DOUTOR

Oh! não calculas o interesse...

VIRGÍNIA

Mentes tu!

O DOUTOR

E onde estavas tu?

VIRGÍNIA

Em casa da Rosa... uma pobre mulher, que se compadeceu do meu estado. - Dois dias depois do nascimento dessa pobre criaturinha, meu pai me apareceu em companhia do meu primo Bernardino...

O DOUTOR

E disse-te...

VIRGÍNIA

E disse-me: - Minha filha, eu sei o que são as mulheres e sei o que são os homens... O Escorrega seduziu-te, e tu, com a fraqueza própria do teu sexo e da tua índole romanesca, escorregaste... Eu te perdoo... Aqui te trago o primo Bernardino, que já de muito te perdoou também.

O DOUTOR

Bravo! Bravo! E o que te disse o primo Bernardino?

VIRGÍNIA

Disse-me: - Virgínia, o Escorrega, à vista desta criança, não hesitará em dar-te a mão de esposo.

O DOUTOR

Hein?

VIRGÍNIA

Nunca! respondi eu...

O DOUTOR

Ah! respondeste bem...

VIRGÍNIA

Prefiro o seu desprezo, meu primo; a sua maldição, meu pai; prefiro a minha desgraça... Foi nesse instante que o primo Bernardino, iluminado pela auréola sublime da piedade, balbuciou com a voz entrecortada pelos soluços: - Virgínia, eu sou o mesmo que dantes era! Põe-te fina e tens marido. Amanhã vou mandar correr os banhos!...

O DOUTOR

Sublime! sublime!



VIRGÍNIA

Tu, que tens o coração de pau, não imaginas que cena! Meu pai chorava; eu chorava; Bernardino desviava os olhos para lhe não traírmos o pranto... a criancinha chorava...

O DOUTOR (*rindo-se*)

Só eu é que não choro, porque já não tenho lágrimas...

VIRGÍNIA

Hoje, logo ao amanhecer, o primo Bernardino foi ter comigo...

O DOUTOR

E disse-te...

VIRGÍNIA

E disse-me:- Minha adorada noiva, já podes sair à rua; estás pronta para outra! Pega essa criança e vai levá-la ao pai. Há um bom pretexto para entrares no paço e falares ao Escorrega: o concurso para o lugar de ama-de-leite do príncipe ou princesa que está para nascer.

O DOUTOR

Dá-me! dá-me essa criança!...

VIRGÍNIA (*vai buscar a criança*)

Aqui a tens. (*Vai entregá-la, como que se arrepende e abraça a filha*)

## ROMANZA

I

Que vás, ó penhor querido,  
A sorte o quer, cruel, fatal!  
Vai, que me deixas partido  
O coração meu maternal...  
Adeus, amores meus,  
Talvez para sempre adeus...  
Adeus!...

II

Crescendo, tu não afagues  
Desejos bons de ver-me, oh! não!  
Por tu mãe não indagues,  
Pois quem fui eu, não te dirão...  
Adeus, amores meus,  
Talvez pra sempre adeus...  
Adeus!...

*(Entrega a criança ao Doutor que a examina)*

O DOUTOR

Uma menina!... Oh! céus! que felicidade!... Virgínia, Virgínia!...  
Deixe beijar-te os pés! *(Ajoelha-se aos pés de Virgínia)*

## CENA VIII

*O Doutor, Virgínia, El-Rei.*

*(Terceto)*

EL-REI *(aparecendo à porta dos aposentos da rainha)*  
Bravo, Doutor!  
Gostei!

O DOUTOR *(à parte)*  
Ora bolas, El-Rei!...  
*(Ergue-se e deita a criancinha no sofá)*

VIRGÍNIA *(à parte)*  
El-Rei!...

O DOUTOR  
Vossa Majestade, malícia não deite  
Em ver-me ajoelhado desta moça aos pés: Ia examinar-lhe...

EL-REI  
O quê?

VIRGÍNIA  
O quê

O DOUTOR  
O leite...

VIRGÍNIA (*à parte*)  
Que diz ele?

EL-REI  
Serve?

O DOUTOR  
É a melhor das dez.

EL-REI (*a Virgínia*)  
Já que ser a ama  
da pequena vai,  
Escute o programa  
Que lhe traça o pai:  
Três vezes são quantas  
De dia dará de mamar,  
E à noite são tantas  
Quantas a pequena chorar.  
Ao ter a pequena  
Quatro meses já,  
Papas de maisena  
Preparar-lhe-á.

O DOUTOR  
Papa de araruta  
Não lhe fará mal,  
Sendo bem enxuta,  
Tendo pouco sal.

EL-REI (*à parte, depois e olhar muito para Virgínia*)

Que mulher tão galantinha!

Ai, como olha para mim!

Quem me dera que a rainha

Tivesse uns olhos assim!

JUNTOS)

EL-REI

Que mulher tão galantinha!

Ai, como olha para mim!

Quem me dera que a rainha

Tivesse uns olhos assim!

VIRGÍNIA

Oh! que cara de fuinha!

Como ele olha para mim!

Saberei, por vida minha,

Tudo, tintim por tintim.

O DOUTOR (*à parte*)

Esta pobre criancinha

Que dorme neste coxim,

Veio salvar a vida minha,

Teve compaixão de mim!

EL-REI (*ao Doutor*)

As outras Amas já não são

Precisas, não!

Manda-as embora,

Sem mais demora!

VIRGÍNIA (*protestando*)

Então? Então?

O DOUTOR (*baixo*)

Amor, sossega:

De ti depende a salvação  
Do pai da filha do Escorrega!

EL-REI

Então, Doutor?

O DOUTOR

Lá vou, senhor!

*(À porta da esquerda baixa)*

Sem mais demora,

Vinde para fora!

Sai

Daí!...

EL-REI

Vão já se embora,

Tumultuárias,

Que necessárias

Não são aqui!

## CENA IX

*O Doutor, Virgínia, El-Rei, as amas-de-leite.*

*(As Amas saem a correr uma atrás da outra, passando por entre os três personagens que se acham em cena, e vão alinhar-se ao fundo)*

AS AMAS

Há muito mais tempo podiam ter dito:

A gente escusava de estar a esperar!

*JUNTOS*

AS AMAS

Há muito mais tempo podiam ter dito:

A gente escusava de estar a esperar!

VIRGÍNIA

Que caso esquisito!

Que caso inaudito!

Ao príncipe novo vou dar de mamar!

O DOUTOR e EL-REI

Meu Deus, quanta bulha! meus Deus! quanto grito!

Tão alto, senhoras, não devem falar!

EL-REI

Leva de rumor!

Isto para quem doente

Se sente,

É maçador!

VIRGÍNIA

Aqui anda algum mistério!

EL-REI

O Doutor pálido está!

O DOUTOR

El-Rei parece-me sério!

OS TRÊS

Hei de ver o que será!...

*(As amas-de-leite descem em linha, à boca de cena e cantam à meia voz)*

AS AMAS

As amas-de-leite

Ao príncipe novo não dão de mamar...

Estavam preparadas com estes brinquedos...

*(Tira cada uma a sua gaita de sopro)*

Que o príncipe novo devia estimar.

*(Cada uma tira um acorde da gaita, e saem todas)*

## CENA X

*O Doutor, Virgínia, El-Rei.*

EL-REI

Como sabes, Doutor, não sou homem de ciência. Mas deixa dizer-te: Sua Majestade, a rainha, parece-me que vai dar-me um rapaz!

O DOUTOR

Por quê, real Senhor?

EL-REI

Aquele volume...

O DOUTOR

Não quer dizer nada, senhor: o que pode acontecer é que Sua Majestade dê à luz uma pequena grande!

EL-REI

Pequena grande!

O DOUTOR

Vossa Majestade é um homem robusto... Sua Majestade, a rainha, é uma mulherança...

EL-REI

Mulherança?

O DOUTOR

A menina, quando de nascer, há de parecer que já tem para mais de um mês!

EL-REI

Olha que a minha ameaça está de pé! Não revogo o decreto! Se nascer uma princesa serás comendador...

O DOUTOR

Perdão, mas vossa excelência havia me prometido um baronato.

EL-REI

Vá pelo baronato. - E se for um príncipe, será queimado vivo.

VIRGÍNIA

Ai!

O DOUTOR

Vossa majestade havia dito que mandava enforcar.

EL-REI

Bem, bem: não havemos de brigar por isso. Escolherás a morte. Que morte preferes?

O DOUTOR

Prefiro morrer de velhice.

EL-REI

Escolhe outra, não faça cerimônias. - A falar em cerimônias, é bom prevenir o mestre delas. Desejo que a augusta cara metade tenha o seu bom sucesso com todas as formalidades prescritas. Vou dar uma volta pelo jardim. Adeus, ó Doutor. (*À Virgínia*) Até logo ó... Como te chamas?

VIRGÍNIA

Virgínia, uma sua criada.

EL-REI

Minha ama... quero dizer: de minha filha. Ai, gentes! (*À parte*) Que olhos (*Alto*) Adeus, Virgínia! (*Ao Doutor, que se inclina*) Levantar cabeça! (*Desce a escada do fundo, cantarolando*) Tur, tu, tu, tu (*Desaparece*)



## CENA XI

*Virgínia, o Doutor.*

VIRGÍNIA

Vamos! ergue a ponta do véu... Tu sabes que a curiosidade sempre foi o meu fraco... Estás envolvido em alguma conspiração? E a minha filha, minha pobre filha, arriscada a ficar sem pai?! Olha que não é por ti, miserável; não é por ti que temo: é por ela, ouviste? É só por ela!

O DOUTOR

Reveste-te de todo o sangue frio e escuta.

VIRGÍNIA

Fala.

O DOUTOR

Sou um miserável, dizes tu. Pois bem: não receias que esse miserável não possa dar uma boa educação à tua filha?

VIRGÍNIA

Tanto receio, que só as exigências do primo Bernardino me obrigam a confiar-te em depósito sagrado.

O DOUTOR (*tomando-lhe o pulso*)

E o que dirias tu...

VIRGÍNIA

Olha que não tenho febre!

O DOUTOR

Não! Tomo-te o pulso para fazer mais efeito... E o que dirias tu, se, em vez de ser a pobre rapariga, filha do acaso e da ocasião, ela se tornasse a moça mais prendada e a mais rica de toda a ilha dos Cajueiros? (*Inflamando-se*) Crescesse coberta de ouro e prata, de sedas e veludos, rodeadas de inúmeros vassallos, a disputar entre si a honra de lhe beijar os pés?!

VIRGÍNIA

Enlouqueceste! Fora mister que a minha filha houvesse nascido princesa!

O DOUTOR

O nascimento não quer dizer nada, aqui estou eu, que não nasci Doutor.

VIRGÍNIA

Explica-te.

O DOUTOR

Em duas palavras: como sabes, sua Majestade El-Rei Caju é estúpido como uma porta...

VIRGÍNIA

Como duas portas...

O DOUTOR

Como três, e não falemos mais nisso. - Imaginou que a Medicina pudesse fazer com que a criança que está para vir pertencesse...

VIRGÍNIA

Já sei: ou é uma menina, ou morres...

O DOUTOR

Morro, não: matam-me. - O meu plano é este: tu és a ama escolhida para amamentar o real pimpolho; eu sou o médico parteiro. Combinamos, e na ocasião do parto, trocamos as bolas!

VIRGÍNIA

Que bolas?

O DOUTOR

As crianças.

VIRGÍNIA

Ah!

O DOUTOR

Que te parece?

VIRGÍNIA

Mas El-Rei não tem que assistir ao parto?

O DOUTOR

El-Rei é míope: grau cinco; não vê nada sem luneta; farei com que a perca.

VIRGÍNIA

Mas o primo Bernardino reclama-me.

O DOUTOR

Logo que houver nascido o menino...

VIRGÍNIA

Como sabes que é um menino?

O DOUTOR (*gravemente*)

Eu sou médico, senhora.

VIRGÍNIA

Bem sei.

O DOUTOR

Logo que houver nascido, darás parte de doente e serás substituída...

VIRGÍNIA

Mas...

O DOUTOR

Tu vais casar-te; se nossa filha ficasse em meu poder, a sociedade obrigar-te-ia a esqueceres dela. Reflete bem: assim como assim, não seria melhor que a tua filha fosse antes a filha do Rei Caju? Em vez da pobre moça sem mãe, a poderosa princesa dos Cajueiros?...

VIRGÍNIA

Mas... é um esbulho!

O DOUTOR

Esbulho é enforcarem-me!

VIRGÍNIA

O que se há de fazer do príncipe real? Quando digo o príncipe real, quero dizer: o que na realidade é príncipe.

O DOUTOR

Queres ver? (*Vai à grade do fundo e acena para o jardim*)

VIRGÍNIA

O que fazes?

O DOUTOR

Vais ver.

## CENA XII

*O Doutor, Marcos, Virgínia.*

MARCOS (*ao fundo*)

Cá estou. (*Dirigindo-se ao Doutor*) Teresa ignora... (*Cala-se, vendo Virgínia*)

O DOUTOR

Podes falar... esta senhora não é demais.

MARCOS

Teresa ignora de onde lhe veio o dinheiro... Eu disse-lhe que era produto de uma subscrição.

O DOUTOR

Bem (*Tirando um lápis e uma folha da carteiras*) Espera (*Escreve. Música na orquestra*) “Teresa. Faze de conta que esse menino é o filho que perdeste; circunstâncias de força maior me obrigam a ocultar-lhe o nascimento. Dá-lhe o nome que quiseres: Paulo, Sancho ou Martinho. Mando-te uma bolsa: é para as primeiras despesas. Todos os meses ser-te-á remetida uma quantia com que possam, tu e teu filho adotivo, viver ao abrigo de toda e qualquer necessidade. Educa-o bem.” (*Declamando*) É quanto basta. (*Escrevendo*) Misture e mande. (*Riscando*) Ora esta! julguei que estivesse fazendo uma receita. (*Ergue-se; cessa a música*) Toma este bilhete, ó Marcos. (*Leva Marcos até a grade do fundo; desce alguns degraus da escada com ele e aponta para a direita*) Vai colocar-te junto à segunda janelinha azul que se vê daqui e espera. Tenho de entregar-te uma criança, que depositarás com este bilhete e esta bolsa na porta de Teresa.

MARCOS

Um enjeitado!

O DOUTOR

Cuidado! Trata-se de um grande segredo. O teu silêncio será largamente remunerado.

MARCOS

É quanto manda?

O DOUTOR

Todos os meses virás ter comigo; dar-te-ei uma quantia que farás chegar misteriosamente às mãos de Teresa.

MARCOS

Sim, senhor.

O DOUTOR

De forma alguma deve ela saber a origem...

MARCOS

Fique sossegado. (*Querendo descer*) É quanto manda?

O DOUTOR

É. (*Marcos desce um degrau*) Ah! (*Detém-se*) Sabes quem vem ali?  
(*Aponta para baixo*)

MARCOS

El-Rei...

O DOUTOR

Aproxima-te dele sem que te pressinta e arrebatá-lhe a luneta!  
(*Movimento de Marcos*) Não te assustes: sem luneta El-Rei não vê coisa alguma: é míope: grau cinco.

MARCOS

Nesse caso, é fácilimo. (*Desce um degrau e para, para perguntar*)  
Assegura-me que posso fazer tudo isto sem correr perigo?

O DOUTOR (*que já tem voltado à cena*)

Asseguro. (*À meia voz*) Trata-se de salvar a honra de uma donzela de honor.

MARCOS

Bem, (*à parte, referindo-se à Virgínia*) deve ser aquela: tem cara de resguardo. (*Desaparece*)

### CENA XIII

*O Doutor, Virgínia, a enfermeira.*

ENFERMEIRA (*saindo dos aposentos da rainha*)

Senhor Doutor! Senhor Doutor!

O DOUTOR

Já?!

ENFERMEIRA

Já.

O DOUTOR

Bem, Vá prevenir o mestre de cerimônias. Os seus serviços são desnecessários ali. *(A enfermeira sai)*

VIRGÍNIA

São horas?

O DOUTOR

São. Vamos, entra. Vou apresentar-te à rainha; traze a menina... Vou pô-la à mão... *(Virgínia pega a criança e entra para o quarto da rainha)*  
Decididamente sou um homem feliz! Sem arredar pé desta sala, arranjei tudo! *(Acompanha Virgínia)*

#### CENA XIV

*Nheco, cortesãos, damas do paço, depois o Doutor, depois El-Rei.*

*(Entram pela esquerda, segundo plano, precedidos por Nheco)*

CORO

Cautos, cautos,  
E precautos,  
Vamos todos esperar  
Que a rainha,  
Coitadinha!  
Dê a luz a criancinha  
Que um dia há de governar.

NHECO

Eu cá de cerimônias mestre  
da corte sou!  
Do São Fulgêncio ao São Silvestre

Suado estou!  
Entra semestre e sai semestre.  
E eu sempre a pé!  
Mestre encontrar que não palestre  
Difícil é!  
Quando eu morrer, estátua equestre  
Terei, olé!

O DOUTOR (*aparecendo*)  
Nheco, nesses aposentos  
A ninguém conceda ingresso!

NHECO  
Isso está já por momentos?

O DOUTOR  
Vai-se dar o bom sucesso...

CORO  
Bom sucesso!  
Vai-se dar o bom sucesso!

NHECO  
Já lá está de leite a ama?

O DOUTOR  
Já lá está!

NHECO  
Tudo que manda o programa?

O DOUTOR  
Lá está já!

NHECO  
E a madama?



O DOUTOR  
Que madama?

NHECO  
A parteira, meu amigo!

O DOUTOR  
Este seu criado é.

NHECO  
Isso agora é brincadeira!  
Doutor, quer mangar comigo?!

O DOUTOR  
Do riscado entendo, olé!

CORO  
Olaré!  
Olaré!  
Do riscado entende, olé?

O DOUTOR  
Onde está El-Rei Caju?

NHECO  
É verdade: El-Rei Caju?

CORO  
Onde está tu,  
El-Rei Caju?

EL-REI (*vindo do fundo, a tatear, sem luneta*)  
Cá estou! cá estou! Por Belzebu!  
Estava eu lá - parece incrível!  
A passear pelo jardim,  
Quando uma sombra horrenda, horrível,  
Cai do ar por cima de mim!

Era um fantasma  
Deste tamanho!...  
Oh! se te apanho,  
Faço-te assim...

CORO

Era um fantasma  
É caso estranho,  
Que a todos pasma!

EL-REI

Quero apanhá-lo,  
Vou segurá-lo,  
Mas o ratão  
Pisa-me um calo!  
Eis que resvalo...  
Bumba! no chão...  
Perco a luneta  
E o sangue-frio!  
Parece peta!  
Que corrupio!  
Caio aqui, caio acolá!  
Acho-me cego!  
Negro qual prego  
Tudo em meu redor está!...  
Era um fantasma  
Deste tamanho!...  
Oh! se te apanho,  
Faço-te assim...

CORO

Era um fantasma  
É caso estranho,  
Que a todos pasma!

O DOUTOR

Real senhor, não há um momento a perder!

EL-REI

Quem vai ao meu quarto buscar outra luneta! (*Sai um cortesão à direita, segundo plano*)

O DOUTOR

Senhor, senhor! Vede o que prescreve a Constituição!

EL-REI (*zangado*)

Ora! a Constituição!

O DOUTOR

Venha, venha, real senhor! (*Fá-lo entrar à força para os aposentos da rainha e entra também. Fecha a porta por dentro*)

NHECO (*aos cortesãos*)

Que vida trabalhosa a minha! Hão de crer que, desde que estou ao real serviço de sua Majestade, ainda não tive tempo e tomar um banho!

TODOS

Oh!

NHECO

É o que lhes digo... Ainda agora ia descendo para o banheiro, quando a Enfermeira veio prevenir-me... Vamos a isto.

(*O cortesão que tinha ido buscar a luneta do quarto do Rei, volta com ela*)

## CENA XV

*Nheco, fidalgos, fidalgas, os ministros, depois os conselheiros de estado, depois a bailadeira da paço, depois El-Rei.*

FINAL

NHECO

Agora é já, sem mais tardar,  
A porta selar.

*(Um pajem tem trazido lacre, luzes e carimbos em uma bandeja de ouro.  
Dois cortesãos lacram e selam as portas do aposento da rainha)*

NHECO

Agora é já, sem mais tardar,  
Lacrar, selar  
Selar, lacrar!...  
Nesta sala esperar deve  
Segundo a Constituição  
Prescreve,  
Todo o Conselho de Estado,  
E o ministério - pois não!  
Fardado.

CORO

Eis o Conselho de Estado  
Respeitável, respeitado!

*(Entrada de meia dúzia de conselheiros muito velhos, a dançar de mãos  
dadas uns aos outros)*

Tur lu tu tu,  
Tur lu tu tu!  
Tem bom Conselho El-Rei Caju!  
Eis que chega o ministério,  
Muito sério, muito sério...

*(Entrada de meia dúzia de ministros com suas respectivas pastas, a  
marchar uns atrás do outros)*

Tur lu tu tu  
Tur lu tu tu!...  
Ministros são del-Rei Caju!...

CORO GERAL

Cautos, cautos,  
E precautos,  
Vamos todos esperar  
Que a rainha,  
Coitadinha!  
Dê a luz a criancinha  
Que um dia há de governar.

NHECO

Agora exijo  
Que dance um passo  
Em sinal de regozijo  
A bailadeira do paço!

*(Entra uma bailadeira)*

*Passo de dança. (Findo o passo de dança, abre-se violentamente a porta lacrada, e entre El-Rei Caju, trazendo nos braços uma criança, envolvida num rico manto bordado a ouro)*

EL-REI

A luneta! a luneta!  
Quero ver a principeta!...  
*(Colocam-lhe a luneta no nariz)*  
Que linda está!

CORO

Que linda está

A CRIANÇA *(chorando)*

Ah! Ah! Ah!...

EL-REI

Que linda é!

CORO

Que linda é!

A CRIANÇA  
Eh! Eh! eh! eh!

EL-REI  
Mais nunca vi!

CORO  
Mais nunca vi!

A CRIANÇA  
Ih! ih! ih! ih!

EL-REI  
Linda ela só!

CORO  
Linda ela só!

A CRIANÇA  
Oh! oh! oh! oh!

EL-REI  
Que linda és tu!

TODOS (*imitando a criança*)  
Uh! uh! uh! uh!

EL-REI  
Nheco, vê que já se ri...  
Dez minutos tem de idade!

NHECO  
Não admira,  
Pois é filho de Vossa Majestade!

*(Espalha-se pela sala dos espectadores um cheiro de alfazema)*

EL-REI

Que cheiro de alfazema!

NHECO

Oh! que cheiro de alfazema!

TODOS *(aspirando)*

Um! um! um! um!

Que boníssimo sistema

O de queimar alfazema,

Se ao mundo vem

Gentil nenen!...

EL-REI

Estou louco de amor

E de prazer possesso!

Nomeio o meu Doutor,

Barão do Bom Sucesso!...

*(À boca de cena)*

Tur lu tu tu,

tur lu tu tu!

'Stá satisfeito El-Rei Caju!

TODOS

Tur lu tu tu!

'Stá satisfeito El-Rei Caju!

## ATO I

*Praia. Ao fundo, o mar. À esquerda, uma cabana. À direita uma grande árvore, cujas ramagens, prolongando-se, formam as bambolinas.*

## CENA I

*Marcos, pescadores, depois criadas.*

*(Ao erguer-se o pano, a cena está vazia)*

## INTRODUÇÃO

CORO *(ao longe)*

Do mar ao remanso  
Lá vou,  
Que a vez do descanso  
Chegou!

*(Chegam à praia duas canoas tripuladas por Marcos e pescadores, que saltam para terra, trazendo cestos de peixe)*

CORO

Que viver folgado,  
Pesar de arriscado,  
Viver a pescar!  
Não há quem se queixe  
De haver pouco peixe  
No fundo do mar.

MARCOS

Tocai as buzinas,  
E venham, meninas,  
O peixe comprar!

*(Toque de buzina pelos pescadores)*

TODOS

Ao som das buzinas  
Vão vir meninas  
O peixe comprar!



*(Entra um grupo de criadas, munidas de cabazes)*

CRIADAS

A noite começa,  
Começa a cair,  
Por isso, depressa  
Nos devem servir.

PESCADORES

A noite começa,  
Começa a cair,  
Por isso, é depressa  
Que as vamos servir.

*(Durante este Coro as criadas enchem os seus cabazes de peixe que compram e pagam aos pescadores)*

AS CRIADAS

Adeus! Adeus!

MARCOS

Um momento!  
Que minha voz vou soar ao vento!

BARCAROLA

I

Minha barquinha ligeira,  
Feiticeira,  
Leva-me longe daqui!  
Singra esse mar docemente,  
Suavemente...  
Eu todo me entrego a ti!  
Ai, ló, lé!  
Ai, ló, lé!  
Ao largo, que enche a maré!

TODOS

Ai, ló, lé!

Ai, ló, lé!

Ao largo, que enche a maré!

MARCOS

A lua triste e formosa

Surge airosa,

Surge airosa lá nos céus!

E a brisa que ajuda o leme

Chora e geme

Passando nos mastaréus

Ai, ló, lé!

Ai, ló, lé!

Ao largo, que enche a maré!

*(Às criadas)*

Estou satisfeito. Podem ir embora.

AS CRIADAS

Adeus, adeus! *(Saem por diversos lados, como entraram)*

MARCOS

Bem. Desta vez os cestos ficaram vazios. - Rapazes, a noite parece que é boa... Vão tratar da vida, que a morte é certa.

Os PESCADORES

Até amanhã, Marcos! *(Entram para as canoas)*

MARCOS

Até amanhã.

CORO DE PESCADORES

Do mar ao remanso

Lá vou

Que a vez do descanso

Chegou!

*(As canoas afastam-se e as vozes perdem-se ao longe)*

## CENA II

MARCOS *(só)*

A ocasião é excelente. A tia Teresa esta sozinha em casa e Paulo erra nos mares, a pescar sardinhas e a entoar barcarolas. Vamos lá deixar a mesada. *(Tirando uma bolsa e vai deitá-la por baixo da porta de Teresa)* Pronto! E dizer que faço isso há vinte anos! Toca a safar! *(Vai saindo. Teresa abre sua porta)*

## CENA III

*Marcos, Teresa.*

TERESA *(vendo-o)*

Adeus, ó Marcos! *(Dando com a bolsa)* Ah! cá está... cá está...

MARCOS *(voltando)*

Olá Tia Teresa!... *(À parte)* Se me viu...

TERESA

Que novas me dá de Paulo? Viste-o por aí?

MARCOS

Vi-o a pescar.

TERESA

Sai de casa pela madrugada... vai cair a noite, e nem sinal! É incorrigível! Só a minha paciência!

MARCOS *(que tem deitado fumo no cachimbo)*

Na verdade, dão muito que falar os modos misteriosos de seu filho.

TERESA

Meu filho... Antes o fosse!

MARCOS

Mas é como se o fosse: vive em sua companhia desde a tenra idade.

TERESA

Quando veio para minha companhia, há vinte anos, poderia ter poucas horas de nascido. Foi uma época terrível para mim... Meu marido e meu único filho haviam morrido... e eu estava reduzida à mais negra miséria...

MARCOS

Mas Paulo foi seu anjo bom; não é assim?

TERESA

Dizes bem: foi o meu bom anjo. Enjeitaram-no à minha porta, é verdade; mas, ao mesmo passo que me sobrecarregavam com a pensão de educá-lo, substituíram meu filho e garantiram-me a subsistência honrada.

MARCOS (*à parte*)

A quem ela o diz...

TERESA

Entre os panos que o envolveram, achei uma bolsa recheada e uma carta que assim dizia: (*Recita a carta escrita pelo Doutor no Prólogo. A mesma música na orquestra*)

MARCOS

E a tia Teresa, justiça se lhe faça, cumpriu religiosamente a misteriosa incumbência.

TERESA

Cumpri. Dei ao menino o nome de Paulo, que, dos três apóstolos, foi o que melhor me pareceu. Recebeu uma educação de príncipe.

MARCOS

De príncipe?

TERESA

Isto é um modo de falar.

MARCOS

E todos os meses é infalível o dinheiro?

TERESA (*mostrando-lhe a bolsa*)

Vês? Agora mesmo acabo de encontrar, metida por baixo da porta, a mesada correspondente ao mês que hoje principiou. Graças a esse dinheiro a nossa existência tem sido descansada e feliz. O que me dá a pensar é a negação absoluta que Paulo, desde os mais verdes anos, revelou pelo trabalho. Quando soube do mistério em que se acha envolvido o seu nascimento, e da mesada certa que eu percebia, disse: - Bem! esse dinheiro chega-nos: não é preciso trabalhar.

MARCOS

Nasceu para fidalgo...

TERESA

Nasceu fidalgo, deves dizer. O seu prazer é andar pelos bosques ou pelo mar: quem lhe tirar a caça ou a pesca, tira-lhe tudo.

MARCOS

E, segundo me consta, é outro esquisitão a respeito de mulheres...

TERESA

Não fazes ideia, Marcos! Nunca ninguém lhe conheceu namorada! A Petronilha... sabes?

MARCOS

Sei, tia Teresa...

TERESA

Pois bem: a Petronilha gosta dele... Estou mesmo convencida que o ama de veras... e... não há meio!

MARCOS

Deixe lá, tia Teresa. Paulo não é nenhum santo; aquilo é que as faz pela calada. - Olhe, se não me engano, é ele que ali passa ao largo.

TERESA

É ele... é...

MARCOS

Deixa-se levar pela correnteza...

*(Paulo passa pelo fundo, sentado à proa de uma canoa, que desliza suavemente nas águas, e canta o seguinte)*

### BARCAROLA

PAULO

O mar que ruge raivoso  
Medo nunca me causou!  
As minhas velas às brisas!  
Às brisas soltar vou.  
Meu Deus, como se parecem,  
Quando a noite é de luar,  
Os pirilampos da terra  
Co'as ardentias do mar.  
*(Desaparece no lado oposto)*

MARCOS

Bom. Vai longo o palanfrório. Adeus, tia Teresa.

TERESA

Vou contigo. Tenho que dar uma voltas. Deixa-me dar uma à chave.

MARCOS

Uma! o quê?

TERESA

Uma volta. (*Tira a chave e mete-a por baixo da porta*) Cá fica por baixo da porta. Paulo já sabe onde a deve encontrar.

MARCOS

Vamos, tia Teresa.

(*Saem*)

#### CENA IV

*Petronilha, só.*

(*Entra arrebatadamente pelo lado oposto àquele por onde saíram Marcos e Teresa*)

#### COPLAS

I

PETRONILHA

Eu sou Petronilha,

Moça original.

Que não tem rival

Em toda esta ilha;

Ninguém pelos campos

Me apanha a saltar;

E lá recuar

Nem chuva, relâmpagos

Coriscos

E riscos

Que sempre formigam,

Me obrigam!

Eu sou Petronilha,

Moça original.

Que não tem rival

Em toda esta ilha;

II

Como eu quem maneja  
Qualquer varapau?  
De faca e calhau  
Não sei quem mais seja!  
'Stou doida de amores:  
Meu fraco aqui está;  
Mas olhem que lá  
Cabelos e flores,  
E cousas,  
E lousas  
Que as outras empregam,  
Não pegam!  
Eu sou Petronilha,  
Moça original.  
Que não tem rival  
Em toda esta ilha;

Paulo já deve estar de volta. (*Batendo à porta*) Paulo! Paulo! Dar-se-á caso que não voltasse ainda?... (*Bate*) A tia Teresa, essa não está que a vi ir daquele lado em companhia de Marcos. (*Batendo*) Paulo! Paulo! Aposto que não quer abrir, porque já me reconheceu a voz! E não é outra coisa! Pirracento! (*Bate*) Qual! (*Desce à cena*) E dizer que me entrou este amor, no coração como uma praga! Amo-o, adoro-o, e ele despreza-me, como se eu não fosse digna de seus cuidados! - Ah! mas agora resolvi mudar de tática, e exigir o seu amor, como os salteadores exigem a bolsa ou a vida dos viandantes na estrada. A mulher está no seu direito, deixando de corresponder a este ou àquele afeto, mas o homem... Faça-me o favor! Nada! há de ir por aqui, se por aqui o mandarmos. Era o que faltava: estar eu agora à mercê dos caprichos do Senhor Paulo! Ou ele ama-me, ou deito-me a perder! (*Vai bater à porta*) Paulo! Paulo! Abre, ou deito ombros à porta! Ah! não ouves? não queres abrir? Lá vai! (*Tenta arrombar a porta. Durante a última parte deste monólogo, Paulo tem entrado pelo fundo e observado*)

## CENA V



*Petronilha, Paulo.*

PAULO (*do fundo*)

Ó mulher, não me escangalhes a porta!

PETRONILHA (*puxando-o pelo braço, à boca de cena*)

Há duas horas que estou a bater!

PAULO

E que culpa tenho eu disso?

PETRONILHA

Não podias ter dito que não estavas em casa?

PAULO

Vamos saber: o que deseja a senhora? Se ainda vem oferecer o seu amor, o melhor é calar-se, porque a esse respeito, resolvi pôr em prática o adágio: orelhas moucas a palavras ocas!

PETRONILHA

Sim, senhor: trata-se de amor, mas note bem: não lho venho oferecer: venho impor-lho; entende? Arrebatá-lo, arrancá-lo à força desse coração de pedra.

PAULO

Ora ouve, e deixa-te e desatinos!

PETRONILHA

Vamos lá!

*COPLAS*

I

PAULO

Mal empregas esse afeto:

Vê se o empregas melhor;

Vai procurar outro objeto

Para o teu f3rvido amor.  
Se te causo algum desgosto,  
Bem mereço o teu perd3o,  
Pois amor n3o 3 imposto,  
Lançado no coraça3o

PETRONILHA

Se eu fosse de faniquitos,  
Tremiliques, tremilaques,  
Dava agora quatro gritos,  
Tinha agora tr3s ataques!...

II

PAULO

A correnteza de um rio  
Se alguma pedra topar,  
H3 de tomar um desvio,  
H3 de outro rumo tomar;  
Faze tu como o regato,  
Essa pedra, ei-la aqui est3...  
T3o bom conselho e sensato  
Ningu3m te deu nem te d3.

PETRONILHA

Se eu fosse de faniquitos,  
Tremiliques, tremilaques,  
Dava agora quatro gritos,  
Tinha agora tr3s ataques!...

PAULO

Que queres que eu te faça? Reconheço que 3s uma excelente rapariga, que nada deixa a desejar: bonita, virtuosa, trabalhadeira...

PETRONILHA

E apatacada.

PAULO

Isso é o menos; mas enfim... és uma mulher como se quer. Feliz do homem que se fizer teu marido!

PETRONILHA

Então? O que mais queres tu? Amo-te, porque te distingui de todos os pintalegretes da ilha, e tu desprezas tão generoso afeto!

PAULO

O meu coração não foi feito para o amor. Adeus, minha amiga, não me queiras mal; ofereço-te uma amizade de irmão, como nos romances. Aceitas? Se aceitas, muito bem; se não, viva!

PETRONILHA

Nada! não quero assim! Desejo que me ames para casar.

PAULO

Isto é o que se chama a faca aos peitos!

PETRONILHA

Vamos: faze-me a vontade.

PAULO

Não está em minhas mãos.

PETRONILHA

Mas está em teu coração; procura bem, que acharás.

PAULO

Não tenho coração.

PETRONILHA

Anda, dá cá um beijo, e eu te mostro se tens ou não tens coração...

PAULO

Estás doida! Eu dou lá beijos no meio da rua!

*(A cena vai ficando escura pouco a pouco)*

PETRONILHA

Então entremos... Onde está a chave?

PAULO

Tu enlouqueceste, mulher!

PETRONILHA

Vai, pedaço de asno! A culpada sou eu, que me não devia apaixonar por um enjeitado!

PAULO

Se sou o enjeitado da família, tu és a enjeitada do amor. Ela por ela!

PETRONILHA

Olha que te esmurro!

PAULO

Pois esmurra! (*Procurando a chave*) Nem assim conseguirás que eu te ame! (*Abre a porta, entra e fecha-se*)

PETRONILHA

Paulo! Paulo!

PAULO

Adeus! Adeus!

## CENA VI

*Petronilha, só.*

PETRONILHA

Aqui anda coisa... Quem não come é porque já comeu, dizia meu avô. Mas digo eu: quem não come está para comer. Deixa estar, que não te perco de vista. (*Olhando para dentro*) Quem vem ali?! Uma mulher com o rosto inteiramente encoberto por um véu! Quem sabe se... (*Escondendo-se atrás da árvore*) Observemos.

## CENA VII

*Petronilha, escondida, a Princesa, ao fundo, Paulo, que sai da cabana cautelosamente.*

PAULO

São horas de chegar a minha misteriosa amante. Custei a ver-me livre daquela maldita Petronilha!

PETRONILHA (*à parte*)

Obrigada.

PAULO (*vendo a princesa*)

Ah! Era tempo! Ei-la! (*Corre para a princesa, e trá-la à boca de cena*)

PETRONILHA (*à parte*)

Então? Sempre há palpites...

## DUETO

PRINCESA

Paulo

PAULO

Meu anjo!

PRINCESA

Aqui me tens!  
a tremer venho...

PAULO

A tremer vens...

PRINCESA

Será saudade ou ciúme  
O abalo que sinto aqui?

A pobre rolinha implume,  
Ao verde ninho arrancada,  
Não fica tão magoada  
Como eu, se longe de ti!

PAULO

Será ciúme ou saudade  
A causa desta emoção?  
Tristeza cruel me invade,  
Pungente dor me quebranta,  
Se tardas, ó minha santa,  
Se tardas, meu coração!

JUNTOS

Ó meu amante,  
Ó minha amante,  
Caro penhor,  
Que doce instante  
Do nosso amor!  
Amo-te muito:  
Ama-me assim!  
Amo-te muito,  
Meu querubim!

PAULO

Mas quero enfim saber quem és, ó doce amada!

PETRONILHA (*à parte*)

Ah! se ela o diz, estou vingada!

PRINCESA

Saber não desejes,  
Meu Paulo, quem sou!

PAULO

Amor, não gracejes,  
Que sôfrego estou...

PRINCESA

Saber tu não deves  
Quem sou, donde vim.

PAULO

Por que não te atreves  
A dizer-mo a mim?

PRINCESA

Segredos eu tenho...

PAULO

Convenho, convenho;  
Mas diz-mos!

PETRONILHA (*à parte*)

Enfim!

PRINCESA (*com mistério*)

Eu a princesa sou dos Cajueiros!

PAULO

A princesa!... Tu?!

PETRONILHA (*à parte*)

Tur lu tu tu

Tur lu tu tu

A filha! ó céus! del-Rei Caju!...

(*Saindo, com gestos ameaçadores*)

Vou me vingar destes brejeiros!

PAULO

És a princesa!

PRINCESA

E no entanto,

Amo-te tanto, amo-te tanto...

JUNTOS

Ó meu amante,  
Ó minha amante,  
Caro penhor,  
Que doce instante  
Do nosso amor!  
Amo-te muito:  
Ama-me assim!  
Amo-te muito,  
Meu querubim!

### CENA VIII

*Paulo, a Princesa.*

PAULO

Mas tu... Vossa Alteza...

PRINCESA

Qual Vossa Alteza! Trata-me por tu... Ora aí está! Por essas e outras e que eu queria guardar o incógnito.

PAULO

Princesa! Filha do Rei! É impossível então que nos unamos! Nada pode haver de comum ente nós, senão o esquecimento mútuo.

PRINCESA

Por quê?

PAULO

Sou um pobre enjeitado...

PRINCESA

Que importa! Fugiremos!



PAULO

Fugir! pois há de Vossa Alteza...

PRINCESA

Trata-me por tu, sim?

PAULO

Desprezarás as honras que te cercam, o cetro de ouro que te aguarda, para seguir um miserável, sem passado, sem presente e sem futuro?!

PRINCESA

Deixa dizer-te, e acredita: o viver da corte me enfastia, faz-me mal aos nervos. Depois que morreu minha mãe, e já lá vão tantos anos, apoderou-se de mim um desapego tal pela corte... O que deu motivo a tanto azedume? Não sei... Não sei... O que é certo é que não me sinto princesa... Os meus instintos são todos burgueses e triviais. Quisera viver tranquila, ao lado de uma maridinho como tu... a pontear meias, marcar lenços...

PAULO

Eu, o inverso, senhora! Por isso mesmo que nasci sem pai nem mãe; por isso mesmo que sou o ínfimo dos homens, sinto-me talhado para as regiões supremas do poder! Ah! que se eu pudesse mandar cortar uma cabeça... ou duas... ou todas, como Calígula! Por ser o menor, desejava tornar-me o maior... Para quê? Para vingar-me talvez! Para ter ocasião de desprezar os que me desprezam!

PRINCESA

Admiras-te de me ver aqui! O amor tinha para mim irresistível encanto. Eu não o conhecera nunca, mas adivinhava-o.

PAULO

Não o conhecias?

PRINCESA

Não ligava o nome... Quem se atreve na corte a levantar os olhos para a infanta? O amor é-lhe interdito. Um dia, mandam o meu retrato a um príncipe de outro reino, e dizem-lhe, ao príncipe: - Aí vai a amostra, vede se vos agrada. Se assim for, mandai buscá-la. É sacrificando as princesas que se apertam os laços entre as nações. Não nos casamos por amor: casamo-nos por diplomacia. Ah! política! política!

PAULO

Meu anjo!

PRINCESA

Anteontem, descobri no meu aposento uma porta secreta que dá para o jardim. Descobri no jardim outra porta secreta que dá para a rua. É hoje! disse eu comigo. E saí! Vi-te, e amei-te. Daí é que principiei a ligar o nome...

PAULO

Mas... se dão pela tua ausência?

PRINCESA

Não dão. Tenho por costume fechar-me por dentro. O único que poderia interromper minha solidão é meu pai; mas esse anda todo entretido com a duquesa da Guarda Velha!

PAULO

A duquesa da Guarda Velha?

PRINCESA

Uma fidalga estrangeira, que foi há dias apresentada à corte... Uma excelente senhora. Ama-me como se me conhecesse de velha data. Diz-se no paço que meu pai casa com ela. É uma felicidade! Eu não escolheria outra madrasta. (*Música. Aparece no mar uma suntuosa gôndola, distinguem-se a duquesa da Guarda Velha e o barão do Bonsucesso*) Oh! É ela!...

PAULO

Ela quem?

PRINCESA

A duquesa da Guarda Velha! O que virá fazer aqui? Ai! O barão vem com ela! Não há mais tempo! Viram-me! Estou perdida! Condenam-me à morte!

PAULO

Cala-te. (*Leva-a para a cabana*)

PRINCESA

Ah! (*Entram ambos na cabana*)

## CENA IX

*Barão, duquesa, gondoleiros e damas de companhia. Noite completa. Luar.*

## CANTO

CORO GERAL

Dá Guarda Velha eis a duquesa!

Cá 'stá! Cá 'stá!

Melhor senhora com certeza

Não há! Não há!

BARÃO (*saindo da gôndola e oferecendo a mão à duquesa para sair também*)

Eis-vos, enfim, chegada

À praia desejada.

(*À parte*)

Não sei por quê,

Nem para quê.

DUQUESA

Muito obrigada.

BARÃO

Não há de quê.

DUQUESA (*a uma dama*)

Manda embora os gondoleiros:

Volto a pé.

TODOS

Volta a pé!

AS DAMAS

Ide embora, gondoleiros,

Ide ligeiros,

Que a duquesa volta a pé!

Um de seus caprichos é.

Gondoleiros - Dá Guarda Velha eis a duquesa!

Cá 'stá! Cá 'stá!

Melhor senhora com certeza

Não há! Não há!

*(As gôndolas desaparecem com os gondoleiros, e as damas ficam ao fundo)*

### COPLAS

I

DUQUESA

Não me foi a sorte avara,

Eu não me devo queixa.

BARÃO (*sempre à parte*)

Não me é estranha aquela cara,

Mas não me posso lembrar.

DUQUESA

A ventura bem se esconde;

Mas, no entanto, a descobri.

BARÃO

Não sei quando, nem onde  
Aqueles olhos já vi.

AS DAMAS

Com é bela esta paragem!  
Fresca aragem  
Corre aqui!

II

DUQUESA

Da pobreza que vitória!  
Pois duquesa hoje sou!

BARÃO

Dou mil tratos à memória,  
E contudo, em branco estou...

DUQUESA

'Spero em breve ser rainha,  
Pois El-Rei morre por mim!

BARÃO

Ai, que cabeça esta minha!  
Nunca vi cabeça assim!

AS DAMAS (*descendo à cena*)

Que lugar! que formosura!  
Que frescura!  
Que jardim!

DUQUESA (*às damas*)

Afastai-vos! Ide admirar os prodígios desta natureza privilegiada.  
Preciso conversar a sós com sua senhoria, o Senhor barão do  
Bonsucesso. (*À parte*) A casinha deve ser esta.

(*As damas afastam-se para o fundo, onde se dividem em grupos*)

## REPETIÇÃO

AS DAMAS (*descendo à cena*)

Que lugar! que formosura!

Que frescura!

Que jardim!

DUQUESA

Afinal! Chegou enfim o momento! (*Dirigindo-se ao barão e fitando-o*)

Olhe bem para mim! Não me conheces?

BARÃO

Duquesa!

DUQUESA

Desconhece-me! Não assombra! Há vinte anos que não nos vemos...  
as fisionomias transformam-se...

BARÃO

Ah! Virgínia!!

DUQUESA

Mas ouve: eu reconheci-te à primeira vista. Assim deveria ser:  
conservava de ti a mais dolorosa impressão. Era impossível que se  
me varressem da memória estes olhos, que me mentiram... esses  
lábios, que me mentiram... esse nariz...

BARÃO

Nada! o nariz é que não te mentiu... E folgo de ver que ainda não  
deste de mão ao teu romantismo.

DUQUESA (*em outro tom*)

Dê-me excelência, barão.

BARÃO

Dê-me senhoria, duquesa... e expliquem-nos. Desde que vossa excelência chegou, que tenho buscado a adivinhar em suas feições a fisionomia de outra pessoa. Vossa excelência é a Virgínia, minha pobre Virgínia, emendada e consideravelmente aumentada. Vossa excelência dignar-se-á, se tanto mereço, explicar-me o modo pelo qual se operou tão estranha metamorfose.

DUQUESA

Muito simplesmente, barão: vossa senhoria lembra-se de que, logo depois de casada com primo Bernardino, fomos, eu e ele, a correr o mundo? Depois de andarmos por seca e meca, resolvemos firmar a nossa residência na Ilha da Guarda Velha.

BARÃO

O quê? Pois foram a seca e meca e não deram um pulo até a olivais de Santarém, que é tão perto?...

DUQUESA

Oito anos depois, meu marido morreu, deixando-me uma avultada riqueza. Dois anos depois da morte do meu marido, comecei a ser requestada pelo fidalgo mais poderoso da ilha, o Duque da Guarda Velha, senhor feudal em dez léguas de terreno e homem de senso prático. Casei com o Duque da Guarda Velha. Seis anos depois, enviuvei pela segunda vez. Há quatro anos que me sucedeu esta catástrofe.

BARÃO

Vejam de que escapei! Se me tivesse casado com vossa senhoria, estava a estas horas no outro mundo!

DUQUESA

Deixei passar no feudo a minha lua de mel...

BARÃO

Outra?

DUQUESA

A lua de mel da viuvez. E aqui estou. Vamos ajustar contas, Senhor barão: vossa senhoria sabe onde quero bater?

BARÃO

Perfeitamente. Vossa excelência quer bater àquela porta... Agora percebo por que a duquesa me pediu que a acompanhasse a este sítio...

DUQUESA

Ainda bem que o percebe. Sem querer, fui informada que é ali que vive aquele cujos direitos extorquimos por amor da cabeça de vossa senhoria e por amor de minha filha.

BARÃO

Da nossa filha, duquesa.

DUQUESA

De nossa filha, barão. - Pedi então a vossa senhoria que me acompanhasse a esta praia, para, de viva voz e em sua presença, informar-me se foram cumpridas as suas obrigações. Se assim não sucedeu, trema: vossa senhoria não deve ignorar que foi hoje tratado o meu casamento com El-Rei Caju.

BARÃO

Não, Senhora duquesa, e esse casamento é uma grande honra para mim... porque, enfim, eu... mas lembre-se vossa excelência de que mesmo porque eu... *in illi tempore*... compreende? não pode lançar-me no abismo, sem ser arrastada na queda pelo meu corpo...

DUQUESA

Enfim, viveremos como anjos, se o barão cumpriu o que prometeu há vinte anos. Serei feliz ao lado da minha filha...

BARÃO

De nossa filha, barão. - Hei de habituá-la a dar-me o tratamento de mãe.



DUQUESA

Eu é que não posso obrigá-la a chamar-me de pai... e no entanto, amo-a...

DUQUESA

Sei que a ama, e agradeço-lhe... Mas... vamos...

BARÃO

Não é preciso: aí vem a mulher a cujos cuidados está entregue o príncipe. Ela nos dirá...

DUQUESA

Silêncio...

### CENA X

*Os mesmos, Teresa, que vai atravessando a cena para entrar em casa, depois El-Rei.*

BARÃO (*embargando-lhe a passagem*)

Senhora Teresa...

TERESA

Quem é?

BARÃO

Um momento de atenção. Conhece-nos?

TERESA

Ah! o médico do paço!

BARÃO

Então já vê que não somos para aí quaisquer notívagos. - Esta senhora deseja tomar certas informações...

TERESA

Estou às suas ordens, minha senhora. Não quer entrar?

DUQUESA

Por ora não. Diga-me cá... *(Toma-a de parte, e fala-lhe baixo. El-Rei entra, embuçado dos pés à cabeça, sem ser pressentido pela duquesa, e bate levemente no ombro do barão)*

BARÃO

El-Rei!

EL-REI

O que vieste fazer aqui em companhia da duquesa?

BARÃO

Sua excelência quis admirar esta praia... Faz um luar esplêndido... Pediu-me que a acompanhasse...

EL-REI

É singular! No momento em que firmamos nosso contrato de matrimônio, abandona-me, para vir admirar uma praia! Ah! barão! quem me viu e quem me vê! Quem diria que aquele El-Rei Caju, o enérgico, havia de tornar-se um babão por esta mulher! Julguei que não devia contrair segundas núpcias; mas o amor, barão, o amor...

### COPLAS

I

Para ser livre, tinha resolvido  
Não mais casar-me. Que dirás, ó povo?  
Mas, ai! de amores, ó barão, perdido,  
Caio na asneira de casar de novo.  
O amor de nós dá cabo!  
É o diabo!

AMBOS

É o diabo!

II

EL-REI

A ninguém poupa de Cupido a seta;  
Ninguém se isenta de ser alvo dela:  
Se o mais altivo coração espeta,  
O mais altivo coração debela!  
O amor de nós dá cabo!  
É o diabo!

AMBOS

É o diabo!

EL-REI

E sabes o que aqui me trouxe. Barão? O ciúme... Ora aqui tens tu: teu rei tem ciúmes! - Quem é aquela mulher com quem conversa a duquesa?

BARÃO

Uma pobre criatura... A duquesa, sempre que lhe apresenta ensejo, da expansão ao sentimento da caridade, que é o apanágio de seu boníssimo carácter.

EL-REI

Ah!

DUQUESA

Muito bem. Aprecio suas virtudes, e hei de premiá-las. (*Voltando-se*)  
Estou satisfeita, barão. (*Vendo o Rei*) Quem é?

EL-REI (*desembuçando-se*)

Eu, duquesa!

TERESA (*à parte*)

El-Rei! Que quer isto dizer?! (*Entra em casa*)

DUQUESA (*perturbada*)

Vossa Majestade! Que agradável surpresa!

EL-REI

Por que não me ordenou que a acompanhasse?

DUQUESA

Oh! senhor... não me atrevia...

EL-REI

Nada de cerimônias... Não sei estar um instante longe da duquesa...  
Estou caído, estou derreado... Oh! como a amo!

BARÃO (*que tem olhado para os bastidores*)

O que é aquilo? Um grupo.

EL-REI

Vamos para ali. Não convém que nos reconheçam. (*Reúnem-se os três às damas, que se conservaram ao fundo*)

## CENA XI

*Os mesmos, os ministros, Nheco, Petrolina.*

*(Os ministros e Nheco trazem cada um a sua lanterna furta fogo na mão. Petronilha condu-los)*

*(Final)*

PETRONILHA

Já cá não estão!

*(Apontando para a cabana)*

Entrem; ali os acharão!

NHECO

Isto parece estranho!

Há já vinte anos que não tomo banho!

PETRONILHA

Não há tempo a perder!

Os melros podem as asas bater!

*(Dirigem-se todos com muito mistério para a cabana)*

NHECO

Vamos lá! vamos lá!

NHECO e MINISTROS

Cautela!

Cautela!

Baixai a voz!

Que a bela,

Que a bela,

Não dê por nós...

OS OUTROS

O que quer dizer aquilo?

Que quer aquilo dizer?

BARÃO

Eu não estou nada tranquilo!

DUQUESA

'Stou a tremer!

DAMAS

'Stou a tremer!

NHECO *(batendo à porta)*

Em nome del-Rei Caju!

EL-REI

Del-Rei Caju!

TODOS

Em nome del-Rei Caju!...

*(Abre-se a porta e entram na cabana Petronilha, Nheco e o ministros, repetindo o Coro)*

Cautela!

Cautela!

Baixai a voz!

Que a bela,

Que a bela,

Não dê por nós...

## CENA XII

*El-Rei, barão, duquesa, damas, cortesãos, depois Nheco, Petronilha, Paulo, Princesa, ministros.*

CORO DE CORTESÃOS *(entrando em confusão)*

Será possível!

Não pode ser

Que suceder

Possa este fato;

Mas, se assim for,

Que espalhafato!

Que horror! Que horror!

OS QUE ESTÃO AO FUNDO

o que será?

O que haverá?

Do paço a gente toda aqui está!...

*(Saem da cabana os ministros e Nheco, segurando em Paulo e na princesa. Acompanha-os Teresa e Petronilha. Assombro geral. Perturbação do barão e da duquesa)*

NHECO e OS MINISTROS

Cá 'stão!

Precisam de uma boa lição!

EL-REI  
Exijo disto explicação!

NHECO  
Quem és tu?

EL-REI (*deixando cair a capa*)  
El-Rei Caju!...

TODOS  
El-Rei caju!...

NHECO  
Somente vos direi  
Que vossa filha está perdida. ó Senhor Rei!

EL-REI  
Perdida!

DUQUESA  
Perdida!

BARÃO  
Perdida!

TODOS  
Perdida!

EL-REI  
Por minha vida!  
Vais-me explicar no mesmo instante!

PRINCESA  
Pois não! Pois não! Eis meu amante!

PAULO  
Sou seu amante!

PAULO e PRINCESA  
Estamos perdidos!  
Fatal situação!  
E em breve metidos  
Em negra prisão!...

### *CONCERTANTES*

BARÃO e DUQUESA  
Não posso salvar-me!  
Fatal situação!  
Vai prejudicar-me  
Tal complicação!

EL-REI  
Eu caio!  
Desmaio!  
Tombar vou no chão!  
Foi como que um raio!  
Foi um furacão!

TODOS  
Imóveis de pasmo  
Todos aqui estão!  
Que enorme sarcasmo!  
Que insulto à nação!

PAULO e PRINCESA  
Que desgraça infinda!  
Que negro sofrer!  
Tão novos ainda,  
Nós vamos morrer!

### *REPETIÇÃO DO CONCERTANTE*

EL-REI



Tudo esqueceste, tudo, princesa!...

PRINCESA

Meu pai, atenda!

EL-REI

Não sou teu pai!

E tremam todos! A Vossa Alteza

Castigo horrendo ser dado vai!

TODOS

Ser dado vai!

I

EL-REI

Quer como pai, quer como rei,

Abuso tal castigarei!

Mas conheço,

Reconheço

Que o amor de nós dá cabo...

É o diabo!...

TODOS

É o diabo!

II

EL-REI (*a Paulo*)

E a ti, plebeu, vilão ruim,

Mandarei dar na forca fim!

Mas, no entanto,

Não é santo!

E o amor de nós dá cabo...

É o diabo!...

TODOS

É o diabo!...

EL-REI

Senhores meus ministros,  
Tomai ares sinistros,  
E os dois heróis levai!  
(*Encarando Paulo*)  
Mas agora reparo!  
Caso realmente raro!  
Este insensato  
Da minha mulher é o retrato!...

TODOS

Justiça! Justiça!  
Justiça fatal!  
Não haja preguiça  
Para um caso tal!

PAULO e A PRINCESA

Cruel castigo  
Não nos importe!  
É doce a morte  
Ao lado teu!  
Viver na terra  
Não nos é dado!  
Vem ao meu lado  
Viver no céu!

CORO GERAL

Mas na verdade  
Na realidade,  
O amor de nós dá cabo...  
É o diabo!...  
É o diabo!...

**ATO II**

*Sala do conselho no palácio del-Rei Caju. A cena está armada para um esplanamento. No centro, uma mesa coberta com veludo. Bancos em volta.*

## CENA I

*Cortesãos, depois Nheco, depois os ministros, depois El-Rei.*

*(Ao levantar o pano, cada um dos cortesãos está a arranjar os bancos, e a espaná-los. De vez em quando param o seu serviço e impõem-se mutuamente silêncio)*

CORO

Psiu! Psiu! Psiu!...

Ninguém levante a voz neste salão!

Haja silêncio e discrição!

Psiu! Psiu! Psiu!...

*(Entra Nheco. Todos se curvam)*

NHECO

Oh! não façais cerimônia

Com quem delas mestre está!

*(Recomendam-lhe silêncio, e, por gestos, pedem que lhes diga o que se tem passado)*

Vós sois pessoas idôneas:

Vou dizer-vos o que há.

Atenção!

TODOS

Psiu!

NHECO *(baixo)*

Atenção!

Psiu!

TODOS

Haja silêncio e discrição!

I

NHECO (*com mistério*)

Caso esquisito

Que é de pasmar,

Fato inaudito

De embasbacar,

Ontem, contrito,

Presenciar

Fui muito aflito,

Quase a chorar!

CORO

Psiu!...

II

NHECO

Digo e repito

Que é de assombrar!

Nomes não cito

Que se os citar,

Desacredito

Quem devo amar!

Nomes evito

Pronunciar...

CORO

Psiu...

III

NHECO

Eu me limito

Tal nova a dar;

Nomes omito,

Que é mau palrar...

Não facilito...

Sei me guardar!  
Tudo hei vos dito...  
Vou me banhar!

*(Vai fugindo. Os outros impedem-lhe a passagem)*

OS CORTESÃOS

Não se vá!  
Venha cá!  
Do que há  
Nos fará  
Narração,  
Confissão!  
Far-nos-á  
Descrição!

NHECO *(volta, e depois de muito mistério, irrompe alto)*

Trá lá lá lá!  
Metida em maus lençóis nossa princesa está!

TODOS

Trá lá lá lá!  
Metida em maus lençóis nossa princesa está!  
Ai, que o caso é muito sério!

NHECO

Eis que chega o ministério!

*(Arranjam-se todos a um lado da cena)*

Entrada dos ministros  
Ministros somos  
Do rei melhor;  
Chamados fomos  
Para compor  
O conselho feroz que vai julgar  
A princesa que deu pra namorar!

NHECO (*aproximando-se*)  
Na qualidade de mestre  
De cerimônias, que sou,  
Fazer discurso que preste  
Neste instante tentar vou

EL-REI (*entrando*)  
Silêncio! o teu discurso é natural, dispense-o  
Quem está como estou eu!

TODOS  
El-Rei Caju!

EL-REI  
Silêncio!  
(*Descendo à cena, sombrio*)  
Tor ló tó tó!  
Tor ló tó tó!  
El-Rei Caju quer ficar só...

TODOS (*saindo misteriosamente*)  
Tor ló tó tó!  
Tor ló tó tó!  
El-Rei Caju quer ficar só...

NHECO (*saindo por último, ao som dos derradeiros compassos*)  
Este momento apanho  
Para tomar um banho...

## CENA II

*El-Rei, só.*

EL-REI CAJU  
El-Rei Caju quer ficar só... E para que quer ficar só El-Rei Caju?  
Apenas para retardar este julgamento, porque afinal de contas, sou

rei, mas também sou pai! Sou pai! e hei de passar pela sensaboria de ver subir ao cadafalso minha querida filha? Sim, que a Constituição é clara neste ponto, apesar de escura em todos os outros. (*Tirando um livrinho do bolso e lendo*) “Artigo duzentos. Toda pessoa real que, esquecendo o decoro que deve a si própria e ao povo, der escândalo público, será julgada por um Conselho composto de quatro ministros de estado, e, averiguado o delito, condenada a pena última”. Se se pudesse sofismar este maldito artigo duzentos! Vejamos por partes: “Toda pessoa real...” Minha filha é ou não é pessoa real? É. É real. É realmente real! Mas também quem se lembra de fazer um artigo contra as pessoas reais? Vejam se, nas partes descobertas do universo, os príncipes vão ao cadafalso por causa destas ninharias!... “que esquecendo o de Coro que deve a si própria e ao povo...” Disto se esqueceu ela... Comeu queijo... !der escândalo público...” Escândalo foi! Lá ser, foi!... É o diabo! Não há meio de sofismar! E o Conselho não pode estar à espera! (*Vai chamar o Conselho e para*) Mas, afinal de contas, qual é o crime da minha filha? A pobre pequena passava aqui uma vida levada de todos os diabos. Um dia deu-lhe a mosca... e... psit! Isso acontece à mais pintada! E não é que o rapaz é um rapagão? Simpatizo com ele... é uma coisa esquisita! Que bonitos olhos! Parecem-se tanto com os de sua Majestade a falecida minha mulher... Que olhos! vamos lá ver essa gente... Enquanto julgam vou pensar... Hei de achar furo. (*Vai à porta por onde saíram os ministros*) Olha esse Conselho que saia! (*Sai pelo lado oposto*)

### CENA III

*Nheco, os ministros.*

OS MINISTROS

Não pode ser! não há tempo!

PRIMEIRO MINISTRO

Com mil raios! Pois o senhor mestre de cerimônias quer abandonar-nos no momento do Conselho!

SEGUNDO MINISTRO

Era o que faltava!

TERCEIRO MINISTRO

Tomar banho quando serviço do Estado reclama-o!

QUARTO MINISTRO

Incúria!

NHECO

Mas, senhores ministros...

PRIMEIRO MINISTRO

Com mil bombardas!

NHECO

Há vinte e tantos anos que não tomo banho!

QUARTO MINISTRO

Quem esperou tanto tempo, pode esperar mais duas horas!

PRIMEIRO MINISTRO

Vamos! Mande entrar os réus, ou fuzilo-o, com mil canhões!...

NHECO

*Este ferrabraz bem mostra ser Ministro da Guerra! (A um gesto seu, entram Paulo e a princesa, escoltados por guardas, e cortesãos de ambos o sexos, ao som de uma marcha triste. Sentam-se todos. Os ministros em volta da mesa. Os cortesãos em bancos. Os réus em bancos especiais)*

#### CENA IV

*Os ministros, cortesãos, guardas, Paulo, Princesa, depois os advogados.*

NHECO (*aproximando-se*)



Como mestre de cerimônias que sou, vou proceder à leitura do artigo da Constituição, que tem relação com o cargo vertente. (*Tira a Constituição do bolso*)

OS MINISTROS (*tirando cada um a sua Constituição*)

Nós todos sabemos. (*Abrem os livros*)

TODOS (*menos os réus*)

E nós! (*Estão todos de livro na mão; leitura geral do artigo duzentos. Lendo*) “Artigo duzentos. Toda pessoa real que esquecendo o decoro que deve a si própria e ao povo, der escândalo público, será julgada por um Conselho composto de quatro ministros de Estado e, averiguado o delito, condenada à pena última.”

PRIMEIRO MINISTRO

Manda entrar os advogados. (*A um gesto de Nheco, entram os dois advogados*)

PRIMEIRO ADVOGADO (*muito alegre*)

Meus senhores, minhas senhoras, bom dia.

SEGUNDO ADVOGADO (*sorumbático*)

Bom dia.

QUARTO MINISTRO

Diabo! este aposto que é o da acusação!

SEGUNDO ADVOGADO

Está enganado: sou da defesa.

QUARTO MINISTRO

Ah!

SEGUNDO ADVOGADO

Mas acredite que é contra a vontade... O meu desejo era vê-la morta...

TODOS

Oh!...

PRIMEIRO ADVOGADO (*sempre muito alegre*)

Pois eu, apesar de vir acusá-la, queria vê-la livre de culpa e pena. Que diabo! Amar nunca foi crime!

TODOS

Oh!

PRIMEIRO ADVOGADO (*ao colega*)

Uma proposta? vá o senhor acusá-la; eu irei defendê-la.

SEGUNDO ADVOGADO (*vivamente*)

Aceito.

PRIMEIRO MINISTRO

A seus lugares, com mil duzentas e trinta e quatro espingardas! (*Os advogados tomam seus lugares. Erguendo-se*) Estão em presença deste Tribunal... porque, não sei se sabem, isto é um Tribunal, dois réus.

TERCEIRO MINISTRO

Não apoiado!

SEGUNDO MINISTRO

Como não apoiado?

TERCEIRO MINISTRO

Não são dois réus: é um réu e uma ré. (*Todos riem*)

PRIMEIRO MINISTRO Silêncio! com cem cartuchos! Cumpre-me fazer uma observação... (*Ao quarto Ministro, que ainda se ri às gargalhadas*) Esteja quieto, menino! (*O quarto Ministro ri-se cada vez mais*) O culpado é Sua Majestade, que fez Ministro um fedelho, que ainda cheira a cueiros. (*O quarto Ministro fica sério*) Cumpre-me fazer uma observação. O julgamento do réu Paulo aqui presente, era da competência do júri popular; mas como o povo tem mostrado de

algum tempo para cá certas tendências democráticas, julgamo-lo nós, para que não no-lo absolvam por lá. - O Conselho... o Conselho conhece a história deste processo sumário: por denúncia de uma mulher do povo, o Ministério, que se achava reunido por amor do tratado de casamento de sua Majestade, o Ministério foi encontrar a herdeira presuntiva da Coroa em casa do pescador Paulo. Enquanto o rei tratava de dar uma mãe à princesa, esta comprazia-se talvez em dar um neto ao rei. - Vossa Alteza tem que alegar alguma coisa em sua defesa.

PRINCESA

Em minha defesa, não; mas na de Paulo: ele não sabia quem eu era.

TERCEIRO MINISTRO

Vossa Alteza namorava incógnita?

PAULO

Nego! Eu sabia perfeitamente quem era Sua Alteza!

PRIMEIRO MINISTRO

Tem a palavra o advogado de acusação!

### COPLAS E CONCERTANTE

II

SEGUNDO ADVOGADO (*erguendo-se*)

Há muito tempo eu não acuso

Delito assim tão desmarcado!

### JUNTOS

UNS

Muito apoiado!

OUTROS

Não apoiado!

SEGUNDO ADVOGADO

Senhores meus, tão grande abuso

Deve de ser bem castigado!

*JUNTOS*

UNS

Muito apoiado!

OUTROS

Não apoiado!

SEGUNDO ADVOGADO

Está na vossa consciência

Que a tal indecência

Exemplo bom deve ser dado!

*JUNTOS*

UNS

Muito apoiado!

OUTROS

Não apoiado!

SEGUNDO ADVOGADO

Mais não digo,

Não prossigo!

O que foi vós bem sabeis!

Eu sé quero,

Só espero

Que se cumpram nossas leis! (*Senta-se*)

*JUNTOS*

UNS

Muito apoiado!

OUTROS

Não apoiado!

PRIMEIRO MINISTRO

A palavra agora tem

Da defesa o advogado

PRIMEIRO ADVOGADO (*erguendo-se*)

O deus de amor tem uma venda;

Cupido é muito endiabrado!

*JUNTOS*

UNS

Muito apoiado!

OUTROS

Não apoiado!

PRIMEIRO ADVOGADO

Eu não sei mesmo o que defenda:

Não é crime amar e ser amado!

*JUNTOS*

UNS

Muito apoiado!

OUTROS

Não apoiado!

PRIMEIRO ADVOGADO

Está na vossa consciência

Não ser indecência

Ter a princesa um namorado!

*JUNTOS*

UNS

Muito apoiado!

OUTROS

Não apoiado!

PRIMEIRO ADVOGADO

Mais não digo,

Não prossigo!

Não é crime tal!

Um namoro

Sem decoro,

Nessa idade era fatal! (*Senta-se*)

*(A princesa levantando-se vivamente do lugar em que está, e vindo à boca da cena)*

## TANGO

Amor tem fogo,  
Tem fogo amor;  
Tem fogo intenso,  
Devorador!  
Põe-nos em jogo  
O coração,  
Nosso bom senso,  
Nossa razão!  
E lavra,  
Palavra!  
Sem descansar;  
Começa  
Depressa,  
Custa a acabar...

*TODOS (erguendo-se maquinalmente e acompanhando o canto com um ligeiro movimento de corpo)*

Amor tem corpo,  
Etc. etc.

## PAULO

Todos amam: japoneses,  
Chineses, ingleses,  
Franceses, malteses,  
Portugueses, cordoveses,  
Genoveses, irlandeses,  
Hamburgueses, lubequeses,  
Islandeses, holandeses,  
Genebreses, escoceses!  
Aragoneses,  
Piemonteses,  
Dinamarqueses  
Cartagineses!

PRIMEIRO ADVOGADO

Em vez de matá-los,  
Casá-los pra bem!

SEGUNDO ADVOGADO

Em vez de casá-los,  
Matá-los convém!  
Matá-los!

PRIMEIRO ADVOGADO

Casá-los!

CORO

Muito apoiado!  
Não apoiado!

*(Disputa geral, animada e calorosa)*

CORO GERAL

Amor tem fogo,  
Tem fogo amor;  
Tem fogo intenso,  
Devorador!  
Põe-nos em jogo  
O coração,  
Nosso bom senso,  
Nossa razão!  
E lavra,  
Palavra!  
Sem descansar;  
Começa  
Depressa,  
Custa a acabar...

PRIMEIRO MINISTRO

Toca a safar! O Conselho, porque saibam que isto é um Conselho, tem que deliberar. (*Os fidalgos retiram-se. Aos guardas*) Direita volver! Marche!

(*Os guardas saem*)

SEGUNDO MINISTRO

Mas havemos de deliberar em presença dos réus?

TERCEIRO MINISTRO

Passemos à sala das deliberações. Senhor Mestre de Cerimônias, fica-lhe confiada a guarda destes dois pombinhos. - Vamos! (*Ao terceiro Ministro*) Mexa-se.

SEGUNDO MINISTRO

Também é tão gordo! Vejam que barriga!

QUARTO MINISTRO

Pudera! É Ministro das Finanças!

(*Saem*)

## CENA V

*Paulo, Princesa, Nheco.*

NHECO

Vossa Alteza provavelmente vai morrer... Ao menos morre limpa... Eu parece que decididamente morro sem tomar banho! Faça ideia Vossa Alteza de que hoje, logo pela manhã, introdução de vossa futura madrastra, augusta noiva de vosso augusto pai. Ao meio dia, preparação da sala do Conselho. Eu pretendia tomar banho enquanto deliberavam: mas eis que me ordenam que vos guarde. E todos os dias são assim!

PRINCESA

Nheco, és meu amigo?



NHECO

Quem pode ver-vos sem querer amar-vos?

PRINCESA

Pois bem, se te mereço piedade, deixa-nos a sós um momento.

NHECO

Deixar-vos a sós. Sereníssima princesa? Vossa Alteza não viu que me confiaram a vossa guarda? Não, isso não faço eu! O mais que posso fazer é fechar os olhos... (*Cantarolando*)

Oh! não façais cerimônias

Com quem delas mestre está...

PRINCESA

Nheco, tu nunca amaste?

NHECO

Nunca tive tempo de tomar banho, quanto mais de amar...

PAULO

Descanse, pois não fugimos... Amamo-nos... Precisamos da solidão e do silêncio para desafogar...

NHECO

Ainda se eu tivesse tempo de meter-me na água...

PRINCESA

Anda... faze-nos a vontade... Antes de morrer, pedirei a meu pai que te aposente...

NHECO

Com o ordenado por inteiro?

PRINCESA

Sim.

NHECO

Então, vá lá! Se apanho a aposentação, hei de passar os restos dos meus dias metido num tanque! - Até logo. (*À parte*) Não irei para muito longe... Nada, que se fugissem... (*Sai*)

## CENA VI

*Paulo, Princesa.*

*(Correm um para o outro, abraçam-se e beijam-se ardentemente)*

AMBOS

Enfim!...

PAULO

Que sorte nos aguardará?...

PRINCESA

E fui eu que te perdi...

PAULO

Tu?! Oh! não! Não falemos nisso...

PRINCESA

Vivias feliz e despreocupado, em companhia dessa excelente mulher a quem tanto deves, e que a estas horas teme pelo seu destino... A caça... a pesca... era essa a tua existência descuidada! Que fatalidade nos atirou nos braços um do outro!

PAULO

Foi uma fatalidade, foi; mas não te recrimines, porque me considero feliz na minha desgraça! Morro contigo! Estava-me reservada essa ventura suprema!

PRINCESA

Meu pobre Paulo!

*DUETO*

PAULO

Que sorte funesta!

PRINCESA

Que funesta sorte!

PAULO

Nada mais no resta...

PRINCESA

Resta-nos a morte...

AMBOS

Abrem-se os céus! Nas asas de ouro,

A morte vai nos conduzir!

Juntos, ó meu casto tesouro,

À eterna luz vamos subir!

PRINCESA

Castigo não se afigura,

Mas divinal, supremo bem,

A doce paz da sepultura

Que o fado meu trazer-me vem!

PAULO

Eu morro satisfeito!

Acaba a minha dor!

Gelado, negro leito

Encontra o meu amor!

*JUNTOS*

PAULO

Eu morro satisfeito!

PRINCESA

Serenas; ó meu peito,

Acaba a minha dor!  
Gelado, negro leito  
Encontra o meu amor!

Acabas, minha dor!  
Gelado, negro leito  
Encontra o meu amor!

NHECO (*voltando*)

Então? Vossa Alteza já desafogou? era tempo! Aí volta o Conselho!...

*(A música prolonga-se em surdina até o final da seguinte cena.)*

## CENA VII

*Paulo, Princesa, Nheco, ministros, advogados, cortesãos, guardas.*

PRIMEIRO MINISTRO

Sereníssima Senhora, o Tribunal, porque, afinal de contas, por mais que me digam, isto é um Tribunal... O Tribunal, dizia eu, usando da faculdade que lhe faculta o artigo duzentos da Constituição do reino, acaba de proferir a sentença que tem de ser cumprida tanto por Vossa Alteza como pelo indivíduo Paulo: estão ambos condenados à pena última.

SEGUNDO ADVOGADO

Apelo!

PRIMEIRO MINISTRO Não há apelação nem agravo! - Guardas, sentido, com três mil buchas! Meia volta à direita, e prendam! prendam!

*(Três guardas levam Paulo e três a princesa. Saem todos graves e silenciosos, como entraram. A cena fica só por alguns momentos. Cessa a música)*

## CENA VIII

*Barão, duquesa, depois El-Rei.*

(A duquesa entra aflita; o barão acompanha-a no mesmo estado de agitação)

DUQUESA

Não há remédio senão confessar tudo a El-Rei!

BARÃO

Eu perco a cabeça! E perco mesmo: isto não é figura de retórica. Vê vossa excelência como o demo as arma, duquesa...

DUQUESA

Estou resolvida a tudo, contanto que salve a minha filha!

BARÃO

Nossa filha, duquesa...

DUQUESA (*de mau humor*)

Nossa filha, barão!

### COPLAS

I

Por minha filha salvar  
Do cadafalso  
Mil passos pretendo dar  
Embora em falso...  
Sofrerei negra aflição  
Eterna mágoa  
Se der minha pretensão  
Cos burros n'água!  
Sou muito forte,  
Mas desvelada;  
Desesperada,  
Nervosa estou!  
Quem já viu sorte  
Que mais capriche?  
*Madre infelice*

Mísera sou!

II

Para salvá-la verá  
Que me rebaixo,  
Embora o trono se vá  
Por água abaixo!  
Se não lhe alcanço o perdão...  
Que escaramuça!  
Hei de pintar o Simão  
De carapuça!  
Sou muito forte,  
Mas desvelada;  
Desesperada,  
Nervosa estou!  
Quem já viu sorte  
Que mais capriche?  
*Madre infelice*  
Mísera sou!

BARÃO

Aí vem Sua Majestade. Fale-lhe, que não tenho ânimo para isso. Uf!  
Não me posso ter nas pernas!

EL-REI (*entrando, angustiado*)

Barão, barão! andava à tua procura meu velho amigo! Tenho te  
buscado por toda a parte! Onde te meteste?

BARÃO

Estava receitando: Vossa Majestade sofreu um violento abalo moral:  
precisa medicar-se. A receita cuja confecção levou-me três horas, já  
foi enviada para a botica.

EL-REI

Quem te fala aqui em despesa... quero dizer: em receita? O que eu  
quero é salvar minha filha! Põe-te em meu lugar: faze de que conta  
que és seu pai! Faça de conta que é sua mãe, duquesa. - Tu, que

tanto a estimas, barão, não te lembras de algum meio? Não se pode sofismar aquele maldito artigo duzentos?

DUQUESA (*irresoluta, ao barão*)

Vai?

BARÃO

Vá! Um, dois, e... três!

DUQUESA (*resoluta*)

Saiba Vossa Majestade que a princesa, se ama o pescador Paulo, não lesa a majestade, nem ofende o povo que a venera.

EL-REI

Por quê?

BARÃO (*consigo*)

Um, dois, e... três! (*Alto*) Real Senhor, o príncipe Paulo é vosso filho!

EL-REI

Meu filho...

BARÃO

Vossa Majestade lembra-se do que me disse há vinte anos quando vossa real esposa estava para dar à luz? - Doutor, há de ser uma menina ou... Tur, lu, tu, tu, tur, tu, tu... verás quem é El-Rei Caju! Ora, como a criança que estava para nascer era um menino, levei o menino para fora, eduquei-o longe das vistas de Vossa Majestade, e a menina tem até hoje passado por vossa filha. Acontece que vinte anos depois esta trapalhada, a menina apaixona-se pelo menino, o menino pela menina, e...

EL-REI (*interrompendo-o tragicamente*)

Horror! Horror! três vezes horror! As abóbadas deste palácio repercutam ainda uma vez esta palavra: Horror! e outra: Horror!

BARÃO

É a mesma.

EL-REI

Afinal de contas, tiveste razão. O teu dever era salvar a própria vida. Isso não impede, porém, que houvesse feito uma grandíssima maroteira!

BARÃO

Foi por instinto de conservação.

EL-REI

Por isso é que o rapaz parece-se tanto com minha mulher! Por isso é que simpatizo tanto com ele...

DUQUESA

A natureza! a natureza!

EL-REI

Mas quem é o pai de minha filha? quero dizer - da suposta princesa? Não lhe entrego nem a cacete! (*Terrível*) De quem é a filha?... Responde!...

### TERCETO

BARÃO

É minha filha!

Seu papai sou!

DUQUESA

É sua filha!

Quem tal pensou?

EL-REI

É sua filha!

Seu pai não sou!

Cruel partilha,

Desgraça pura,



A sorte escura  
Me reservou!

I  
BARÃO  
Sob este corpo cansado  
Que o tempo quase vergou,  
Sob este corpo, coitado!  
Um coração já pulsou...  
Na flor da minha existência  
Todo aos estudos me dei;  
Namorado da ciência,  
Em vez de amar, estudei  
Por isso,  
Ah! Ah!  
Por isso,  
Ah! Ah!  
Tive somente um derricho  
Olá!

II  
Cataplasmas e calmantes,  
Ungentos e fricções;  
Laxantes e mais laxantes;  
Cerotos, basilicões,  
Sulfatos, plantas, alteias,  
Tudo o mais, que não direi,  
Foi com estas panaceias  
Que a mocidade passei!  
Por isso,  
Ah! Ah!  
Por isso,  
Ah! Ah!  
Tive somente um derricho  
Olá!

EL-REI

E esse derriço foi, barão, que te valeu  
A filha que passou por ser trabalho meu?

*(A um gesto afirmativo do barão)*

Passei por pai de quem não era!  
Passo por pai de quem não sou!  
Punido há de ser tu, pudera!  
Um juramento aqui te dou!  
Ah!

*(Dá uma grande volta pela cena, parodiando os artigos líricos italianos, e vem requebrar-se perto da duquesa)*

Oh! *je t'aime! je t'aime! je t'aime!*  
Deixa, ó bela, dizer-to em francês!  
Vê, meu anjo, vê que a voz me treme!  
Oh! *je t'aime! je t'aime! je t'aime!*

JUNTOS

EL-REI

Oh! *je t'aime! je t'aime! je t'aime!*  
Deixa, ó bela, dizer-to em francês!  
Vê, meu anjo, vê que a voz me treme!  
Oh! *je t'aime! je t'aime! je t'aime!*

BARÃO

Que ela o ama, que o ama, que o ama,  
Caso é certo, mesmo sem francês!  
Ora, faça a vontade à madama!  
Ora faça, que o peço por três!

DUQUESA

Oh! *je t'aime, je t'aime, je t'aime,*  
Oh! *je t'aime,* meu bem, como vês!  
Vê, meu anjo, vê que a voz me treme...

Oh! *je t'aime, je t'aime* em francês!

*(O barão e El-Rei dão juntos outra volta por toda a cena, prolongando a última nota, que a duquesa corta de súbito, tapando-lhes as bocas quando descem à cena, cantando)*

DUQUESA

Pois se me adoras,  
Como protestas  
E como atestas,  
Meu coração,  
Oh! tu, que uma alma  
Tens, e tão boa,  
Meu bem, perdoa  
Dá-lhe o perdão!

JUNTOS

DUQUESA

Pois se me adoras,  
Como protestas  
E como atestas,  
Meu coração,  
Oh! tu, que uma alma  
Tens, e tão boa,  
Meu bem, perdoa  
Dá-lhe o perdão!

EL-REI

Eu, que te adoro,  
Oh! pura! honesta!  
Mulher modesta,  
Meu coração,  
Hei de, que o pedes,  
Hei de lançar-lhe,  
Hei de atirar-lhe  
O meu perdão!

BARÃO

Se és bom soberano,  
Como protesta  
E como atesta  
Teu coração,  
Oh! tu, que uma alma  
Tens, e tão boa,  
Ó Rei, perdoa,  
Dá-me o teu perdão!

EL-REI

Mas sem castigo não desejo eu que fique este mariola!...

BARÃO

É melhor que as coisas fiquem no pé em que estavam. - Vossa  
Majestade tem amor de pai à princesa, não tem?

EL-REI

Por força.

DUQUESA

O príncipe Paulo passará por filho de Sua Majestade, o rei da Ilha  
da Guarda Velha.

EL-REI

O meu augusto vizinho?

DUQUESA

Depois de entender-me com ele, anuirá ao meu pedido, e perfilhá-  
lo-á.

BARÃO (*à parte*)

Hum...

EL-REI

Sim, podemos contar com o assentimento do colega, que nada te recusa, como já disseste. Demais, sabendo que Paulo é meu filho...

BARÃO (*timidamente*)  
É verdade.

EL-REI

Bico, Senhor barão. - Senhor barão! Nada! De hoje em diante não é mais Barão! Se está feito barão por ter nascido uma menina, estás elevado a Visconde, maroto! É o teu castigo! - Vai chamar esta súcia! (*O barão sai*) Vou anular o julgamento... e, para segurança de minhas netas, convocar uma Constituinte para revogar o tal artigo duzentos.

### CENA IX

*El-Rei, barão, duquesa, Nheco, ministros, advogados, fidalgos, fidalgas, guardas, depois Paulo, Princesa.*

EL-REI

Trazei minha filha e Sua Alteza o príncipe Paulo para esta sala!

TODOS

O príncipe Paulo!

DUQUESA

Esse que supondes um simples pescador!

BARÃO

O réu.

EL-REI

É um príncipe disfarçado. Tudo isto foi uma comédia. Queria experimentar-vos. Sois íntegros.

PRIMEIRO MINISTRO (*aos guardas*)

Direita volver! Ide buscar os réus, com trinta mil carabinas! (*Saem os guardas, e voltam com Paulo e a princesa*) Está portanto anulada a sentença proferida pelo Conselho, que, aquilo, digam o que quiserem, foi um Conselho.

EL-REI (*a Paulo, que entra com a princesa e os guardas*)  
Príncipe Paulo, dê cá um abraço!

PAULO  
Príncipe!!...

BARÃO (*a Paulo*)  
Tudo será mais tarde explicado a Vossa Alteza.

EL-REI (*depois de abraçar e beijar o príncipe*)  
Dê a mão à princesa: é sua!

PRINCESA  
Paulo!

PAULO  
E Teresa? Um vez que sou príncipe...

BARÃO  
Não vos dê cuidado.

EL-REI  
O barão não deve ficar impune. Mas... qual deve ser o castigo.

UM LACAIO (*entrando, acompanhado de dois homens que trazem grandes caixas*)  
Aqui estão os remédios de Vossa Majestade, receitados pelo Senhor barão. A botica ficou vazia.

EL-REI  
Leva-os para fora. (*Saem o lacaiio e os homens. Ao barão*) Querias que eu ingerisse aquela farmácia? Por causa do meu abalo moral, não é

assim? mas como a filha era tua e não minha, tu é que hás de tomar aquelas drogas. (*À parte*) Achei um castigo.

BARÃO (*à parte*)

Morri.

EL-REI (*tomando a mão da duquesa*)

Apresento minha noiva à corte. (*À princesa e a Paulo*) Casar-nos-emos no mesmo dia...

(*Grandes mesuras dos cortesãos*)

## FINAL

CORO GERAL

Viva El rei Caju!

Viva o

Rei Caju!...

PRINCESA

É papai, do meu agrado,

Seja Nheco aposentado!

NHECO

Se aposentação apanho,

Oh! que permanente banho!

PAULO

O meu pedido é mais sério:

Deito abaixo o Ministério!

EL-REI

Caia, pois, o Ministério! (*A um gesto seu, os ministros caem no chão*)

## COPLAS AO PÚBLICO

Sei que o desejo, e único

Dos míseros autores,  
É de fazer-te rir;  
Assim, pois a comédia  
Dispensa os teus favores,  
E seja o Ministério  
O único a cair.  
Tur lu tu tu  
Tur lu tu tu  
Eis o que quer El-Rei Caju!

CORO GERAL

Tur lu tu tu  
Tur lu tu tu  
Eis o que quer El-Rei Caju!...



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**